

# PUC

DIONYSIA RACHE DE ANDRADE

UMA ABORDAGEM À PSICANÁLISE, DESDE NIETZSCHE

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

1983

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rua Marquês de São Vicente, 225 - CEP 22453

Rio de Janeiro — Brasil

N.Cham. 150 A553 TESE UC

Título Uma abordagem a psicanálise, desde Nietzsche /



Ex.2 PUCB

0031514

BC  
~~BR~~ - FUC

DOAÇÃO

DIONYSIA RACHE DE ANDRADE

UMA ABORDAGEM À PSICANALISE, DESDE NIETZSCHE

UC 19692-4

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/RJ como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.

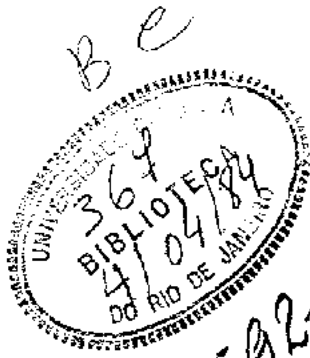
Orientador: Carlos Paes de Barros

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro, 28 de fevereiro de 1983.

19432



VE-14592-A  
31514

150  
F553  
+ESE VC  
ex 2

Para o Ricardo  
companheiro novo de cada dia.

Para meus filhos,  
Pedro, Monica, Raquel, Ana  
que nunca são o que foram

Para todo aquele que não se esconde  
que se esquece  
que descobre a manhã,  
e que respira-transpira  
sem compasso  
sem ordem.

Para todo aquele  
que se arrisca na aventura da dife-  
rença  
e que ousa ser singular

Para todo aquele  
que se pretende dançarino da vida .

### Meus agradecimentos

- a Carlos Paes de Barros, professor orientador, uma dessas pessoas raras, cujo conhecimento não impede a disponibilidade para o outro, a atenção, o fornecimento de espaço.
- a Claudio Ulpiano, cujo saber me tornou possível fundamentar uma intuição.

## R E S U M O

Esse trabalho tem como roteiro uma tarefa dupla.

- entender a concepção teórica de Freud relativamente à organização e funcionamento do psiquismo;

- apreender a concepção de homem em Nietzsche, a sua sujeição a valores, e a genealogia de tais valores.

Isto feito, perguntar sobre o valor da psicanálise, e abrir um espaço, quem sabe, para questões mais fecundas ...

## A B S T R A C T

This thesis has two main guidelines:

- understand Freud's theoretical conception of the organization and working process of the psyche;

- apprehend Nietzsche's conception of man, his submission to values and the genealogy of such values.

Afterwards, the value of Psychoanalysis will be questioned and a framework for more fertile questions will be sought.



## S U M Á R I O

I	-	INTRODUÇÃO: POR QUE FREUD E NIETZSCHE? .....	1
II	-	FREUD: A PRIMEIRA TÓPICA .....	5
		a - Consciente, Pré-consciente, Inconsciente ..	5
		b - A Repressão .....	13
III	-	POR QUE UMA SEGUNDA TÓPICA? .....	19
IV	-	A SEGUNDA TÓPICA .....	25
		a - Id e Ego .....	25
		b - Superego .....	34
		c - Identificação .....	43
V	-	FREUD: A CASTRAÇÃO E OS INSTINTOS DE MORTE ....	48
		a - A Castração .....	48
		b - Os Instintos de Morte .....	55
VI	-	NIETZSCHE E A CENA FILOSÓFICA .....	64
VII	-	NIETZSCHE .....	86
		a - O Martelo Pala .....	86
		b - Dionísio, o Dançarino da Vida .....	90
VIII	-	ENTÃO, PORQUE FREUD E NIETZSCHE .....	100
IX	-	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	104

## I - INTRODUÇÃO

Por que Freud e Nietzsche ?

Esse trabalho nasceu da conjugação de alguns acontecimentos:

- as frequentes denúncias em relação aos efeitos adaptadores da prática psicanalítica;
- a reflexão sobre os fundamentos teóricos da psicanálise que concluem um homem da falta - a quem falta e em falta ;
- a convicção de que a ciência, longe de ser neutra, é permeada nas suas proposições por tendências políticas que visam a conservação de um modo de produção, de um determinado status, de um determinado Estado(\*);
- a constatação de que o inconsciente, que não pode ser pensado senão como movimento, liberdade, produção, pode ser a prisionado por um saber, por sua vez submisso, de alguma maneira, a um poder escondido, descentralizado, anônimo.

A quem interessa a conservação, a estabilidade, a apropriação da "verdade", a repetição do mesmo ?

A pergunta conduziu-nos a Nietzsche. De uma forma intuitiva, como um pressentimento.

Nossa expectativa era que esse encontro nos instrumentasse para melhor demolir e para melhor construir. Esse desejo aproximou-nos do Nietzsche desmistificador e do Nietzsche pensador da vida, da positividade.

---

(\*) Sobre a importância do Estado e de suas relações com a sociedade remetemos à obra de Pierre Clastres "A Sociedade contra o Estado".

E de repente a nossa tarefa, não muito clara no início, misturando dúvidas e questões, mas sobretudo insistindo na procura de alternativas, passou a exigir um conhecimento de Freud e Nietzsche mais amplo do que supuseramos.

Com Freud, pela vida e pela profissão, tínhamos um contato mais antigo, mais próximo e mais íntimo, o que não nos excluiu, entretanto, de sua complexidade. O reencontro mais sistematizado permitiu ativar a admiração ao criador da "Traumdenkung" que no raiar do século XX pode dizer - solte o seu desejo, reconheça-o no sonho e na fantasia, você é o homem do prazer, goze.

Nietzsche foi uma novidade, como será uma novidade. A cada momento que pensávamos estar chegando em algum lugar, era dali que devíamos estar partindo. A sensação que nos assalta, a partir de sua obra, é a de uma intensa inquietude. Mais fiéis seríamos se disséssemos de um acontecimento permanente. Em Nietzsche há um contínuo fluir.

E, indissociado de sua teoria ele não se deixa "apanhar". Transitório como a "verdade" nas coisas. E se repetindo apenas num aspecto - a vontade de potência, o desejo de vida.

Claro está que tivemos dificuldades na realização desse trabalho, dificuldades que podem ser atribuídas, na sua maior parte, à nossa falta de traquejo, de familiaridade com o pensamento filosófico.

Qual é exatamente o nosso caminho:

- aproximar Freud e Nietzsche? neste caso, para que?
- ir de Freud a Nietzsche, substituindo o homem, ser nostálgico, martir ou herói de perda pelo homem ser devir-na-

tureza-completo-criador, para o qual nenhum mundo está acabado, e onde nada o obriga a se integrar?

- ou, quem sabe, a partir de suas diferenças, admitir a sua incompatibilidade e a ineficácia de uma aproximação?

Embora de Freud e Nietzsche, como também de Marx, possa ser afirmado que no Sec. XX

*"situaram-nos ante uma possibilidade de interpretação e fundamentaram de novo a possibilidade de uma hermenêutica" (8) e que "no primeiro volume do Capital, e em textos como O Nascimento da Tragédia e A Genealogia da Moral, e a Traumdichtung, situam-nos de novo ante técnicas interpretativas" ... (8),*

não são os pontos comuns, as semelhanças que vamos procurar. Teríamos material para isso. Por duas vezes, em 1908, Nietzsche foi objeto de discussão das reuniões psicanalíticas das quartas feiras.

Além da contemporaneidade da emergência de ambos no clima intelectual da Europa, houve tentativas de uma elaboração freud-nietzscheana, fundamentando uma prática anarquista em Gross, uma prática terapêutica em Rank. (1)

Nossa meta é a procura das diferenças, o que talvez possibilite um encontro. Encontro talvez possível, numa articulação que permita utilizar o método nietzscheano, acompanhado de sua irreverência e audácia, numa avaliação da psicanálise.

- A psicanálise aprisiona o desejo ao invés de libertá-lo?

Tende a produzir indivíduos normais? E morais? (Sem fazer a genealogia de tais normas e preceitos? Ou pior, sem ad-

tir a necessidade dessa genealogia?]

Neste caso, de quem a psicanálise seria prisioneira? A quem estaria servindo?

- A psicanálise se faz necessária? Quando, com que objetivo?

- É importante que ela não se faça necessária? por que?

Provavelmente, as conclusões do nosso trabalho não serão respostas explícitas a tais questões.

Mas que fiquem as questões.

Que poderíamos dizer como introdução a Freud e a Nietzsche?

A teoria freudiana se insere no contexto Ocidental, que desde Platão, fundamenta a essência quando fala da coisa em si, desmerece o devir, estabelece a verdade como estática e definitiva, determinando quem a pode atingir, e endossa o homem da falta.

A filosofia nietzscheana se propõe a um desmascaramento:

das essências - as coisas, em cada momento, são o resultado de uma conjugação de forças (não estruturantes porque sistemas abertos ao acidente, fluem como um jogo em que há lugar para o acaso).

dos preceitos morais- quem os estabelece e a quem servem? (Isto é, procura o valor do valor).

do homem-unidade-identidade-sujeito;

do lugar da lógica e do conhecimento;

da falta do homem - ao homem - natureza nada falta.

Dois mundos, muitos mundos, Freud e Nietzsche, nem sequer dialéticos.

Um caminho possível?

## II - PRIMEIRA TÓPICA

### a) Consciente, Pre-consciente, Inconsciente

Com "A Interpretação dos Sonhos" (15) 1900, Freud rev<sup>o</sup>luciona o saber e põe em risco o homem, assustando-o na segurança do seu eu-consciente. A consciência é descentralizada e já não se garante. Afirmções como "eu sei", "eu quero", "eu posso" implicam outra questão - quem sabe? quem quer? quem po<sup>o</sup>de?

Quem perde o prestígio não é o verbo, é o "eu" que se percebe desconhecido, misterioso e controlado por incontrolláveis mecanismos. É Dionísio que ressurge.

O lugar inconsciente que é então desvelado é inacessível através dos procedimentos comuns da memória, e nele circula uma energia intensa, sem compromissos estáveis com as representações.

O inconsciente em "A Interpretação dos Sonhos" aparece não mais como privilégio do sintoma histérico, já pressentido nas obras anteriores, mas como lugar comum de todos os homens, que sonham e fantasiam.

Freud tenta situar esse inconsciente e relacioná-lo com a consciência. Procura definir esses lugares (virtuais) e conhecer suas características. O resultado desse esforço é conhecido como primeira tópica, onde é proposto o entendimento do psiquismo através de tres sistemas: consciente, pre-consciente e inconsciente.

Dois momentos me parecem particularmente importantes

nessa construção: a "Interpretação dos Sonhos", já citada e os escritos metapsicológicos de 1915, sobretudo "A Repres - são" (26) e "O Inconsciente" (27), além de "Os Instintos e suas Vicissitudes" (25).

No item (A) do Cap. VII de "A Interpretação dos Sonhos", dedicado ao "esquecimento dos sonhos", Freud justifica a vali - dade de sua interpretação, fundando simultaneamente um novo método, quem sabe uma epistemologia.

O sonho é a via real para o inconsciente e esse percurso po - de ser realizado através de fragmentos, incertezas, dúvidas e até negações.

Ao longo do capítulo VII Freud vai construindo o seu co - nhecimento sobre os sonhos, que o obriga a fazer hipóteses sobre o funcionamento psíquico e a origem desse funcionamento .

Os sonhos são desejos inconscientes parcialmente reali - zados (através de formação de compromissos) e desse inconsci - ente afirma:

*"as mais complicadas realizações do pensa - mento são possíveis sem a assistência da consciência" (15) e "o inconsciente é a verdadeira realidade psíquica: em sua natu - reza mais íntima ele nos é tão desconheci - do quanto a realidade do mundo exterior e é tão incompletamente apresentado pelos da - dos da consciência quanto o é o mundo ex - terno pelas comunicações de nossos órgãos dos sentidos" (15).*

Os sonhos são desejos inconscientes, infantís:

*"mas estes desejos, mantidos sob repres - são, são eles próprios de origem infantil " (15), e "um desejo que é representado num*

sonho deve ser um desejo infantil" (15) ,  
 "se agora mantivermos em mente as dimensões do papel que é desempenhado nos pensamentos oníricos pelas experiências infantis ou pelas fantasias nelas baseadas... um sonho poderia ser descrito como um substituto de uma cena infantil, modificada por ter sido transferida para uma experiência recente". (15)

Os sonhos são desejos inconscientes, parcialmente realizados, infantis, sexuais. A sexualidade é então inferida de uma relação entre os sonhos de angústia e a origem sexual das psiconeuroses. (15) Depois, é atribuída à origem de "maior parte dos sonhos de adultos" (16)

"Não há necessidade teórica de que isso seja assim, mas, para explicar o fato, pode ser indicado que nenhum outro grupo de instintos foi submetido a uma supressão de tão grande alcance pelas exigências da educação cultural, enquanto que, ao mesmo tempo, os instintos sexuais são também aqueles que, na maioria das pessoas, encontram mais fácil fuga do controle das instâncias mentais mais elevadas. Uma vez que nos tornamos familiarizados com a sexualidade infantil, que é amiúde tão discreta em suas manifestações e sempre desprezada e mal compreendida, estamos justificados em dizer que quase todo homem civilizado retém as formas infantis de vida sexual sob algum aspecto ou outro. Dessa maneira, podemos compreender como é que desejos sexuais infantis reprimidos proporcionam as forças motivadoras mais frequentes e fortes para a formação dos sonhos" (16).



Então os sonhos derivam de um lugar inconsciente mantido pela repressão, são representações que tiveram que ser afastadas porque acarretavam desprazer, e manifestam através de imagens, desejos antigos (aqui a regressão é entendida de duas maneiras: uma forma mais primitiva do funcionamento psíquico, através de imagens, e as formas primeiras de relações com objetos).

Esses desejos que tiveram que ser reprimidos só podem aparecer disfarçados, o que leva aos conceitos de deslocamento e condensação, e à suposição de que durante a noite a vigilância que mantém a repressão diminui.

Além do mais o sonho supõe um acordo com outro desejo, de outro lugar - o desejo do pré-consciente de dormir.

É estabelecida uma troca: o pré-consciente oferece idéias intermediárias para a energia das representações inconscientes, que *"transferem sua intensidade para elas ficando cobertas pelas mesmas"* (15), enquanto o sonho se encarrega de preservar o sono.

E *"dois tipos fundamentalmente diferentes de processos psíquicos tomam parte na formação dos sonhos"* (15).

Para entender tudo isso Freud nos remete à *"ficção de um aparelho psíquico cujas atividades são reguladas por um esforço para evitar um acúmulo de excitação, e manter-se quanto possível sem excitação"*. (15) Isto é, um aparelho sob o regime do *"princípio da constância"* (desenvolvido por Freud desde o *"Projeto de uma Psicologia Científica"* e mais tarde, em *"Além do Princípio do Prazer"* cujo funcionamento seguiria modelo do arco reflexo, as excitações sensoriais se des-

carregariam por vias motoras. O aparelho tem uma direção, a atividade psíquica iniciando-se numa extremidade sensória, ativada por estímulos externos ou internos, e terminando em outra extremidade que dá acesso à atividade motora.

O aparelho perceptivo não pode, ao mesmo tempo, perceber e registrar o percebido - o traço mnêmico seria função de um 2º sistema, capaz de estabelecer relações, fazer associações entre tais traços. A compreensão dos sonhos permitiu a inferência de atividades psíquicas excluídas da consciência por uma instância crítica que "*permanece numa relação mais estreita com a consciência do que com a instância criticada*".

(15)

*"Ademais, encontramos razões para identificar a instância crítica com a instância que dirige nossa vida de vigília e determina nossas ações voluntárias e conscientes"* (15)

Esse sistema crítico estaria localizado na extremidade motora\* do aparelho. A seguir, o pré-consciente, cujos processos excitatórios podem penetrar na consciência desde que atinja uma certa intensidade.

E depois dele, o sistema inconsciente, que para atingir a consciência tem que passar pelo pré-consciente além de se submeter a modificações.

---

(\*) - Neste momento, com seu modelo linear, Freud separa percepção e motricidade, colocando cada uma em um extremo, sem chamar a atenção para o que é comum a ambas - a consciência.

Na 2ª. tópica, com o modelo reflexo representado em curva ele corrige essa abordagem.

O caráter alucinatório dos sonhos é explicado pela inversão do sentido do processo excitatório desse aparelho. O movimento é feito para trás, não mais na direção da extremidade motora, mas na direção da extremidade sensória, do sistema perceptivo. É um movimento regressivo.

(Nesse momento é também por esse mesmo processo que Freud vai explicar a alucinação, alertando entretanto para a dificuldade do fenômeno acontecer, sem a pessoa estar dormindo. Mais tarde vai explicá-la por um excesso de catexia e no "Suplemento Metapsicológico dos Sonhos" (37) remete para o aparelho perceptivo, então sem possibilidade de discriminar a percepção endógena ou exógena, a origem do distúrbio).

Os sonhos se apresentam sem lógica e se representam por imagens, graças ao movimento regressivo, que atinge os primeiros sistemas <sup>mnemônico</sup> mnemônicos, ainda sem interrelação\*.

Essa regressão se torna possível durante o sono, porque a estimulação da extremidade sensória diminui consideravelmente. Além do que

*"com toda probabilidade, esta regressão, onde quer que ocorre, é um efeito da resistência que se opõe ao avanço de um pensamento na consciência ao longo do caminho normal e de uma atração simultânea exercida sobre ele*

---

(\*) - Da leitura freudiana, podemos inferir que <sup>aparelho</sup> no aparato psíquico acontecem, evolutivamente, percepções, memórias, idéias (que vão se representar por palavras), juízos e raciocínios.

A regressão, que acontece no sonho (também em outras situações, como que desarticula os processos mais desenvolvidos, alucinando até as imagens ainda desarticuladas (embora isso nunca aconteça de modo absoluto). A regressão desconstrói o que o desenvolvimento articula.

*pela presença de lembranças dotadas de grande força sensorial" (15)*

É a seguinte a hipótese que Freud apresenta para explicar a origem do aparelho psíquico.

A vivência de uma necessidade, a fome de um bebê, por ex, produz uma tensão que é eliminada, com uma experiência de satisfação (o seio da mãe, no caso). Registra-se uma ligação entre a imagem mnemônica da satisfação com o traço de memória produzido pela necessidade.

Quando a necessidade ressurgir haverá um impulso psíquico para recatexizar a experiência de satisfação, numa tentativa de restabelecer a situação original de satisfação. *"Um impulso dessa espécie é o que chamamos desejo" (15)*. É provável que o resultado desse processo seja uma alucinação.

*"Dessa maneira, o objetivo dessa primeira atividade psíquica era produzir uma identidade perceptiva uma repetição da percepção que se achava ligada com a satisfação da necessidade." (15)*

A alucinação não satisfaz, a necessidade persiste, o organismo se vê obrigado a suspender a regressão e procurar caminhos mais efetivos para se proporcionar satisfação, chegando à identidade perceptiva a partir do mundo externo, ou seja uma verificação da realidade

*"Esta inibição da regressão e o subsequente desvio da excitação tornam-se matéria de um segundo sistema, que se encontra no controle do movimento voluntário - isto é, que pela primeira vez faz uso do movimento para fins lembrados antecipadamente" (15)*

É o pensamento que está sendo fundado, pensamento, que,

"afinal de contas,, nada mais é que um substituto de um desejo alucinatório, e é por si próprio evidente que os sonhos têm de ser realizações de desejos, uma vez que nada mais, a não ser um desejo pode colocar nosso aparelho mental em ação" (15)

E então, os sonhos "simplesmente preservaram para nós, uma a mostra do método primário de funcionamento de aparelho psíquico, um método que foi abandonado como ineficaz" (15).

Na origem do funcionamento psíquico está um sistema primário, inteiramente submetido à procura do prazer e fuga do desprazer, onde circula uma energia não vinculada. Um segundo sistema se acrescenta a este, mais eficaz na percepção real do objetivo da satisfação, onde circula uma energia em estado de quiescência. O primeiro, primário, é o germe do inconsciente e o segundo, secundário, do pré-consciente (e consciente).

Assim, então, se define, a la. tópica freudiana: consciente e pré-consciente, regidos por um processo secundário, que nos é familiar - racional, lógico; e inconsciente, regido por um processo primário, que se propõe sempre a livre descarga de excitação.

O inconsciente se manifesta através dos sonhos, chistes, atos falhos, sintomas.

Entre os tres sistemas existem censuras, mas a que vai realmente manter essa identificação durante a obra freudiana é a censura entre o inconsciente e pré-consciente, resultante - garantia da repressão.

b) - A Repressão

O destaque que agora damos à repressão funda-se no critério freudiano: "A teoria da repressão é a pedra angular sobre a qual repousa toda a estrutura da psicanálise" (24)

Essa importância foi sendo reduzida ao longo da obra até a afirmação onde é assinalada uma substituição de conceitos - "processo defensivo", "repressão", "defesa". (44) Explicando melhor, deixa de ser o processo defensivo para ser um tipo de defesa.

Repressão aparece pela primeira vez na "Comunicação Preliminar, 1893 (10) e defesa em "As Neuropsicoses de Defesa", 1894 (11). Em determinados momentos os dois conceitos são usados indiscriminadamente.

O maior aprofundamento sobre a histeria leva Freud a valorizar o mecanismo da repressão, estende-o às neuroses de transferência, distinguindo duas espécies de repressão (21), referentes à histeria e à neurose obsessiva. Em 1926, fala de mecanismos defensivos que nada tem de semelhante à repressão-

*"Estas observações oferecem fundamentos bastante sólidos para a reintrodução do antigo conceito de defesa, que pode abranger todos os processos que tenham a mesma finalidade - a saber, a proteção do ego contra as exigências instintuais - e para nele classificar a repressão como um caso especial". (44)*

e acrescenta da importância dessa nova abordagem, que poderá facilitar a percepção de elos entre mecanismos de defesa e patologias, como entre repressão e histeria.

Então, a repressão deixa de representar as defesas, de um modo geral e passa a ser considerada como um tipo de defesa. A repressão é reconhecida a partir da resistência ao tratamento, que surge na prática psicanalítica.

*"Nesta idéia de resistência alicercei a minha concepção acerca dos processos psíquicos na histeria ... As mesmas forças que hoje, como resistência, se opõem a que o esquecido volte a consciência deveriam ser as que antes tinham agido, expulsando da consciência os acidentes patogênicos correspondentes. A esse processo, por mim formulado, dei o nome de "repressão" e julguei-o demonstrado pela presença inegável da resistência". (22)*

De um impulso instintual não se pode fugir, porque o ego não pode escapar de si próprio.

Uma das vicissitudes, a que tal impulso estaria sujeito é a repressão (não evocação da memória) havendo outras, a recusa (não percepção do objeto real) e a negação (condenação por julgamento).\*

Além disso a repressão não estaria presente desde o início, *"ela só pode surgir quando tiver ocorrido uma cisão marcante entre a atividade mental consciente e a inconsciente". (28)*

---

(\*) - Muitas são as vicissitudes a que estariam sujeitos os impulsos instintuais, inclusive a sua própria satisfação, se a gente entende por vicissitude, destino. Lembrando a Nota 2, podemos relacionar a recusa com a percepção, a repressão com a idéia, a negação com o juízo.

Tais mecanismos funcionam nas atividades normais e patológicas, a intensificação deles é que determina essa fronteira. A repressão se associa neurose, à recusa, psicose. (40). (41)

Embora a repressão seja apenas um tipo de defesa Freud justifica a sua importância por ser a melhor conhecida e porque existe também uma repressão constitutiva, isto é, primeira *"uma primeira fase de repressão"* (28), cuja tarefa é impedir a entrada no consciente do representante psíquico do instinto.

*"Muitíssimo pouco se sabe até agora sobre os antecedentes e as fases preliminares de repressão"* (44).

Mas é provável que ela aconteça a partir de experiências arcaicas muito intensas.

Essas experiências marcadas pela angústia têm como consequência a formação do núcleo do inconsciente, são as fantasias primitivas que constituem um acervo filogenético (34)

A elas se acrescenta o que foi descartado durante o desenvolvimento da infância.

A repressão primeva supõe uma cisão.

Cisão que parece ter acontecido em um momento da espécie, assunto também da filogênese.

Ela se fundaria na possibilidade de discriminação do homem, na sua habilidade progressiva de diferenciar - prazer-desprazer, real-irreal, eu-o outro, dentro-fora, etc.

O resultado dessa repressão primeva é uma fixação de representantes instintuais, isto é, de representações que não terão acesso a consciencia e que são garantidas no seu lugar por uma anticatexia, seu único mecanismo. Desempenham essas representações um foco de atração para as que forem reprimidas posteriormente.



Então, a repressão propriamente dita é uma pressão posterior que tem como finalidade "afastar determinada coisa do consciente, mantendo-a à distância" (28).

Mas por que uma representação instintual tem que sofrer este destino, se a satisfação de um instinto é sempre agradável ?

Essa pergunta nos remete à relação do psiquismo com o princípio do prazer-desprazer, que sob outro ângulo nos conduz a intensidades de energia que podem ou não se descarregar e manter o nível de constância visado pelo sistema.

*"A satisfação de um instinto que se acha sob repressão seria bastante possível, além disso, tal satisfação seria invariavelmente agradável em si mesma, embora irreconciliável com outras reivindicações e intenções. Ela causaria, por conseguinte, prazer num lugar e desprazer em outro" (28).*

Se alguma representação está provocando angústia no consciente, ele a expulsa para o ics, onde por sua vez existe um polo de atração. Mas, essa representação tende a voltar para o pre-consciente-consciente e então sofre uma contra-pressão dupla: uma anti-catexia (chamada censura, nos trabalhos da histeria e no Cap. VII da Interpretação Dos Sonhos) por parte do pre-consciente e uma atração do ics.

Já sabemos que o pré-consciente-consciente e o inconsciente funcionam de acordo com processos diferentes a partir da sua própria constituição.

E a pergunta agora é a seguinte: o que acontece com uma representação quando ela é expulsa para o ics? As psiconeuroses

mostram que ela continua "a proliferar no escuro", profusamente, o que quer dizer que manteve a sua energia. O que ela perde é o seu enlace verbal, o que nos acrescenta uma característica a mais na diferença entre processo primário e secundário - o primeiro tem a representação de coisas somente, o segundo de palavras e coisas.

Então no ics existem representações que conseguem enlace verbal através de formações substitutivas e podem passar para o pre-cs, existem representações sem enlace verbal e que não passam nunca, mas existem também outras que tem enlace verbal, mas são impedidas pelo excesso de angustia que provocam, como as fantasias originárias.

As tentativas que as representações instintuais reprimidas fazem para retornar são permanentes - o ics é sempre ativo - e elas o conseguem quando:

- a anticatexia diminui, no caso dos sonhos.
- quando há uma distorção na outra extremidade do aparelho, em que aquilo que proporcionaria desprazer provoca prazer, como nos chistes.
- quando as formações do pré-consciente permitem o engate da representação instintual, sendo para isso necessário que as duas tenham algum elo, mas que ele seja bastante disfarçado.
- quando a quantidade de energia da representação instintual se torna muito intensa e se manifesta então como sintoma (mantendo ainda um compromisso com as formações substitutivas do pré-consciente).

Mais tarde Freud associa a repressão com os sintomas das neuroses de transferência explicando o adoecimento pelas frustrações sexuais - "essas pessoas adoecem, de uma forma ou de ou-

tra, de frustrações, quando a realidade as impede de satisfazer seus desejos sexuais" e "os sintomas neuróticos são substitutos de satisfações sexuais" (32)

Durante algum tempo Freud entendeu a angustia como efeito da repressão, mas foi modificando essa abordagem até que em 1926, em "Inibições, Sintomas e Ansiedade", (44) afirma de forma definitiva a angustia como causa da repressão.

"Finalmente, não nos devemos esquecer de que, na verdade, ao se estabelecer que um impulso instintual é reprimido, muito pouco se disse a respeito dele."

### III - POR QUE UMA SEGUNDA TÓPICA ?

A 1a. tópica freudiana dá ênfase ao reprimido. A 2a. t<sub>ó</sub>pica às forças repressoras.

Quem é responsável pela repressão ou que força resiste ao surtimento do reprimido da consciência?

A resposta seria uma força consciente, já que é característico do reprimido um impulso para a consciência.

Acontece que a prática psicanalítica revelou que a resistência ao aparecimento do reprimido não era consciente no analisando. As associações livres ao se aproximarem do material reprimido começavam a se tornar mais difíceis, começavam a falhar, podendo tal fato ser ou não acompanhado de mal estar, de sentimentos desagradáveis.

O paciente estaria, no caso, resistindo ao contato com aquilo que, por razões significativas para ele, afastara do seu conhecimento consciente, mas sem ter consciência disso.

Então estaríamos diante de um impasse - como uma força da consciência (já que na 1a. tópica a resistência não pode ser dinamicamente ics), pode ser ics ?

Quando escreve "O Ego e o Id", (38) 1925, Freud chama a atenção para a ambiguidade do termo inconsciente, que se refere tanto ao ics latente (pcs) quanto ao dinâmico (reprimido).

Por outro lado, o termo ego, a par dos inúmeros significados que possa assumir no decorrer da obra freudiana, é entendido como equivalente à parte consciente do aparelho mental. E no próprio "O Ego e o Id" (38) Freud reafirma a essa a dequação (curiosamente no mesmo texto onde pretende desfaze-la): ...

"Formamos a idéia de que em cada indivíduo existe uma organização coerente de processos mentais e chamamos a isso o seu ego. É a esse ego que a *cs* se acha ligada. O ego controla as abordagens à motilidade - isto é, a descarga de excitações para o mundo externo. Ele é a instância mental que supervisiona todos os seus próprios processos constituintes e que vai dormir à noite, embora ainda exerça a censura sobre os sonhos".

Essa identificação *cs*-ego, embora aconteça muitas vezes é, entretanto, desarticulada em outras passagens:

- em "Novos comentários sobre as Neuroses de Defesa", (14) 1896, Freud já fala de mecanismos de defesa inconscientes ;
- em "sobre o Narcisismo: uma Introdução", (25) 1914, afirma a libido do ego;
- em "Além do Princípio do Prazer", (36) 1920, fala de uma grande parte do ego, *ics*, quem sabe só uma pequena parte é abrangida pelo *ics*.
- e em "O Ego e o Id", texto que vai fundamentar essa dissociação, afirma no Cap. II: ... "... Gostaríamos de aprender mais sobre o ego, agora que sabemos que também ele pode ser *ics* no sentido correto da palavra" ...

Para entender melhor esse ego *ics* é importante recorrer à conceituação de processo primário e processo secundário.

Esses dois conceitos surgem em "Projeto para uma Psicologia Científica", (13) 1895, em que é desenvolvida a idéia de uma diferenciação do aparelho neurônico na evolução do organismo, a nível biológico. E a nível psíquico, seriam duas as funções do sistema  $\Psi$ .

Em "A Interpretação dos Sonhos", (15) Cap. VII, Freud a proxima as características dos pensamentos oníricos às dos sintomas neuróticos, sobretudo histéricos, e conclui da existência de dois sistemas de funcionamento psíquico:

- um, primário, no sentido também de primeiro, que teria um funcionamento livre de energias, que se deslocariam pelas representações, e que tenderia a uma livre descarga, absolutamente dedicado à fuga do desprazer e a tentativa de estabelecimento de uma identidade de percepção com as primeiras experiências de satisfação;
- o outro, secundário, seria o sistema do pensamento lógico, que surgiria a partir do primário, mas se desenvolveria no decorrer da vida do indivíduo, capaz de inibir uma descarga imediata de uma representação, e mantendo com ela uma energia ligada. Tal sistema se encarregaria de procurar uma identidade de pensamento com as primeiras experiências de satisfação.

Em "Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental", (23) é enfatizada a diferença dos dois princípios que regeriam o processo primário e o secundário: o princípio do prazer e o princípio da realidade.

*Essa diferença entretanto não significa oposição - "Na realidade a substituição do princípio do prazer pelo princípio da realidade não implica a deposição daquele, mas apenas sua proteção" (23)*

Em "O Inconsciente" (27) 1915, Cap. V, Freud refere o

processo primário ao Ics e o processo secundário ao Pcs-cs , atribuindo ao primeiro as seguintes características: mobilidade de catexias que se manifesta através do deslocamento e condensação, ausência de contradição entre os impulsos instintuais, atemporalidade, submissão às exigências prazer-desprazer e conseqüente pouca atenção à realidade.

Então, até esse momento, são legítimas as aproximações entre cs-pcs e processo secundário, e ics e processo primário.

A partir do momento em que essa articulação é desfeita, desde o reconhecimento do mecanismo de defesa do ego como ics, uma reformulação do aparato psíquico se impõe.

Um segundo motivo reforçaria a necessidade dessa reformulação. Seria o reconhecimento, através também da prática psicanalítica, de auto-censuras ics, que se manifestariam através de um sentimento ics de culpa.

Em "Atos obsessivos e práticas religiosas" (18) 1907, Freud afirmava:

*"Podemos dizer que aquele que sofre de compulsões e proibições comporta-se como se estivesse dominado por um sentimento de culpa: do qual, entretanto, nada sabe, de modo que podemos denomina-lo de sentimento ics de culpa, apesar de aparente contradição dos termos"*

Então inconsciente não é mais o reprimido como fora sustentado pela primeira tópica. Ics é também o reprimido. Inconsciente é o reprimido + mecanismos de repressão (função do ego) + instância crítica e conseqüente sentimento de culpa (função do que vai se chamar de superego).

Isto quer dizer que o processo secundário pode ser tão ics quanto o primário.

Mas Freud mantém as duas formas de funcionamento psíquico, primária e secundária, apenas desarticulando-as de ics e cs.

E a sua nova proposta, conhecida como 2a. tópica, é desenvolvida em "O Ego e o Id", 1923. Aí se articulam, se relacionam três instâncias:

id: dominado pelo princípio do prazer, caos, reservatório da libido. Sujeito ao processo primário. Ics

ego: ... *"uma organização coerente de processos mentais"*.  
Parte cs e parte ics. Sujeito ao processo secundário.

Superego: instância encarregada de auto-crítica, estabelecimento de padrões morais e da formação de ideais.  
Parte cs e parte ics. Sujeito ao processo secundário.

Em "O Ego e o Id", portanto Freud continua afirmando a coexistência de 2 sistemas, regidos por leis diferentes, não mais preocupado em identificar essa diferença na acessibilidade ou não do sistema, ou na ênfase de uma de suas características, como prazer-realidade. (mesmo porque como já vimos esses dois princípios não se contradizem).

*"Distinguimos, agora, em nossa vida psíquica (que encaramos como um aparelho composto de diversas instâncias, distritos ou províncias) uma determinada região que chamamos de ego propriamente dito e uma outra que denominamos de id. O id é a mais antiga das duas; o ego desenvolveu-se a partir dele, como uma camada cortical, através da influência do mundo externo. É no id que todos os nossos ins-*



tintos primários estão em ação; todos os processos no *id* se realizam inconscientemente. O *ego*, como já dissemos, coincide com a região do pré-consciente; inclui partes que normalmente são inconscientes. O curso dos acontecimentos no *id* e sua inração mútua são governados por leis inteiramente diferentes das que prevalecem no *ego*. Foi, na verdade, a descoberta desas diferenças que nos conduziu à nossa visão e que a justifica". (50)

#### IV - A 2a. TÓPICA

##### a) Id e Ego

Como descrevemos no item anterior, a percepção de partes do ego levou Freud a entender o funcionamento mental de uma nova maneira, sem contudo descartar a antiga abordagem.

*"Não obstante, devemos cuidar para não ignorarmos esta característica [de ser ics], pois a propriedade de ser es ou não, constitui em última análise, o nosso único farol na treva de psicologia profunda" (38)*

O funcionamento psíquico passa a ser o resultado das interrelações entre três instâncias: id, ego, superego.

O id teria as mesmas características que o Ics descrito em 1915, submetido no seu funcionamento ao processo primário. O ego seria o responsável pela harmonia entre as instâncias, o que teria como efeito a unidade do sujeito. E o superego, encarregado da conservação das influências parentais, traduzindo-as no estabelecimento de um ideal e vigiando o ego no cumprimento de le.

As fronteiras entre as três entidades não são entendidas como muito demarcadas. Muitas vezes Freud insiste na procedência do ego a partir do id, na sua transformação em contato com a realidade externa e no fato de se fundir com o id.

Quanto ao superego, por sua vez, embora com funções específicas, seria uma gradação do ego, e também se fundiria com o id.

Sobre o ego as afirmações são muitas vezes contraditórias, particularmente no que se refere ao seu núcleo (Pcpt, ics ou superego?), à sua energia (energia própria ou energia do

id?), à sua origem (herdada ou não?).

Freud admitindo que o ego procede do id, afirma também que lhe fornece energia. E que a diferenciação desse ego vai acontecendo a partir do contato com a realidade externa, através do Pcpt-cs.

Isso não lhe impede de afirmar a possibilidade de um ego herdado, ou de incontáveis egos no id. O texto que se segue nos parece bastante representativo de questão:

"A reflexão em seguida nos demonstra que nenhuma vicissitude externa pode ser experimentada ou sofrida pelo id, exceto por via do ego, que é o representante do mundo externo para o id. Entretanto não é possível falar de herança direta no ego. É aqui que o abismo entre um indivíduo concreto e o conceito de uma espécie se torna evidente. Além disso, não se deve tomar a diferença entre ego e id num sentido demasiado rígido, nem esquecer que o ego é uma parte especialmente diferenciado do id. As experiências do ego parecem, a princípio, estar perdidas para a herança; mas, quando se repetem com bastante frequência e com intensidade suficiente em muitos indivíduos, em gerações sucessivas, transformam-se por assim dizer, em experiências do id, cujas impressões são preservadas por herança. Dessa maneira, no id, que é capaz de ser herdado, acham-se abrigados resíduos de incontáveis egos; e quando o ego forma o seu superego a partir do id, pode talvez estar apenas revivendo formas de antigos egos e ressuscitando-as\*.

Em relação às funções do ego, Freud é mais explícito:

- representante do mundo externo para o id. O ego está em contato permanente com o mundo externo, através do sistema

(\*) o grifo é nosso.

Pept-cs, parte mais superficial do aparelho mental. É o intermediário entre essa realidade externa e o id, que não lhe tem acesso.

É também sensível aos acontecimentos do interior da mente e ao próprio corpo, o qual, por sua vez, lhe permite a estruturação, também.

- responsável pela função de "teste de realidade". A medida que vai desenvolvendo a sua habilidade discriminatória, o ego vai armazenando as suas informações nos traços mnêmicos, discernindo o interno do externo, o percebido do representado, e o representado e a coisa externa da realidade, conjungando a coisa, sua percepção, sua representação. "*Situaremos o teste da realidade entre as principais instituições do ego*" ... (31) \*

- defesa, função repressiva, embora na maior parte delegada ao superego;
- acesso à motilidade;
- controle dos instintos;
- relação com o tempo;
- adiamento de respostas à urgência do id.

E assim é fundado o pensamento, o psiquismo entra em contato com um novo tipo de ordem, o processo secundário.

---

(\*) - A discussão sobre "teste de realidade", em si só, poderia ser objeto de uma tese. Freud, como aliás em muitas outras passagens, não é unívoco nem simples. ( ) ( ). Deixamos apenas registrada a dificuldade sobre tal conceitualização.

Isso implica em que uma satisfação imediata do id, conforme a demanda do princípio do prazer possa ter um retorno de desprazer, ao passo que, em muitas vezes, o adiamento da satisfação, a submissão progressiva ao princípio da realidade, pode permitir um acontecer prazeroso maior.

Para maior reflexão acrescentaríamos que as associações entre processo primário/princípio prazer e processo secundário/princípio realidade vão perdendo a rigidez ao longo da obra freudiana.

*... "Na atividade da fantasia, os seres humanos continuam a gozar da sensação de serem livres da compulsão externa, à qual há muito tempo renunciaram, na realidade. Idearam uma forma de alterar entre permanecer um animal que busca o prazer, e ser, igualmente, uma criatura dotada de razão." (34)*

*- e, "o que, contudo, muito particularmente distingue o ego do id é uma tendência à síntese do seu conteúdo, à combinação e à unificação nos seus processos mentais, o que está totalmente ausente no id." (46)*

O ego é uma organização. Essa idéia é bastante desenvolvida em "Inibições, Sintomas e Ansiedade" (44) onde é analisado o esforço do ego para manter as relações com o id e o superego, apesar da sua função repressora, através sobretudo de sua capacidade de adaptação do sintoma.

Quando fala de suas funções, Freud enfatiza a força do ego. Mas, nem sempre é assim.

Como já assinalamos, a gênese do ego está longe de estar clara em Freud, o que acarreta consequências, como, por ex, a da força do ego, isto é, da sua possibilidade de contro

lar ou não as outras instâncias.

Na sua relação com o id, Freud chega a usar o mesmo exemplo, o do cavalo e o do cavaleiro, em tempos diferentes e de forma diferente. Em o Ego e o Id, 1924 refere-se ao ego como o cavaleiro que tem que manter a força superior do cavalo, com a diferença

*"de que o cavaleiro tenta fazê-lo com a sua própria força, enquanto que o ego utiliza forças tomadas de empréstimo" ... e*

*"com frequência um cavaleiro, se não deseja ver-se separado do cavalo, é obrigado a conduzi-lo onde este quer ir, de mesma maneira, o ego tem o hábito de transformar em ação a vontade do id, como se fosse sua própria".*

E em outro texto, mais tarde,

*"o cavalo provê a energia de locomoção, enquanto o cavaleiro tem o privilégio de decidir o objetivo e de guiar o movimento do poderoso animal"*

E acrescenta:

*"Mas, muito frequentemente surge entre o ego e o id a situação não propriamente ideal, de o cavaleiro só poder guiar o cavalo para onde este quer ir" (46)*

Além do id, em relação ao qual oscila entre a posição de senhor ou escravo, o ego enfrenta a realidade, que lhe impõe também exigências, e o superego, instância que o observa, vigia e pune. A tarefa do ego não é fácil, e a harmonia que ele pretende vai depender da sua habilidade, das suas estratégias, de sua política de trocas e de composição.

Resta acrescentar que em relação à constituição do ego

enquanto psíquica, Freud levanta uma outra hipótese - a das identificações.

No seu artigo "Luto e Melancolia" (30) Freud percebera que a incapacidade de admitir uma perda provocava o que ele chama de luto patológico - ou seja, o objeto perdido era como que instalado dentro da pessoa, que transferia para si mesma os sentimentos referentes a tal objeto.

Isto é, uma catexia de objeto era substituída por uma identificação.

Em "O Ego e o Id", Freud admite que esse processo é menos atípico do que ele imaginara, e que, de fato, ele preside à constituição do ego -

*"esse tipo de substituição tem grande parte na determinação da forma tomada pelo ego, e efetua uma contribuição essencial no sentido da construção do que é chamado de seu "caráter" (38)*

E é possível supor que *"o caráter do ego é um precipitado de catexias objetivas abandonadas" (38)*.

Voltaremos a esse tema de uma forma mais extensiva quando tratarmos do superego, e no item "identificação".

Do id, Freud afirma ser caos, parte obscura da personalidade, caldeirão fervilhante, acessível a partir da elaboração onírica e do sintoma neurótico. Suas características se definiriam pelo negativo, em oposição as quantidades do ego o que não deixa de ser curioso, uma vez que um dos aspectos desse id é não incluir a negação.

O id corresponde ao Ics que Freud definiu em 1915, considerando-se, entretanto que não corresponde mais a tudo que é ics

no psiquismo.

Além disso o id passa a ser considerado o polo pulsional da personalidade, incluindo as pulsões de vida e as pulsões de morte.

É importante ressaltar que quando em 1915 Freud fala das qualidades do Ics, ele não as estabelece de forma negativa, tendo como referência a consciência. Ele fala de características que são peculiares a esse sistema e não encontradas no outro. E em outro texto, mais tarde: "*O curso dos acontecimentos no id e sua interação mútua são governados por leis inteiramente diferentes das que prevalecem no ego*". (50)

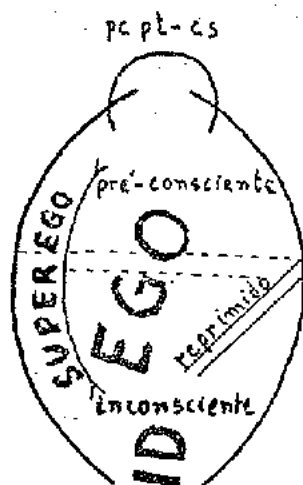
São características do id: energia mais livre, que permite maior mobilidade de catexização das representações, tendo como efeito o deslocamento e a condensação; atemporalidade, ou seja, um eterno presente; coexistência entre impulsos contraditórios, não existindo uma vontade coletiva; necessidades cuja satisfação é urgente e imperiosa; sujeição ao fator econômico, quantitativo, vinculado ao princípio do prazer, desconhecendo qualquer julgamento moral.

É possível ao id atingir o ego, diretamente, ou através de uma função do superego, o ideal do ego.

De um modo bem amplo poderíamos dizer do id, como do antigo Ics que é a instância que tem por função existir e se afirmar (Mas, na 2a. tópica essa afirmação já é questionável, porque, é a pulsão de morte?)



Gostaria de chamar a atenção para a referência de Freud ao diagrama por ele utilizado na Conferência XXXI (44), e reproduzido abaixo.



*"Por certo é difícil dizer, atualmente, em que medida o esquema está correto. Em um aspecto, indubitavelmente, não está. O espaço ocupado pelo id inconsciente devia ter sido incomparavelmente maior do que o do ego ou do pre-es. Devo pedir-lhes que o corrijam em seus pensamentos." (46)*

Pareceu-me que Freud queria passar a idéia de um ego forte, harmonizador, sujeito. (Curioso, ele não ter corrigido o desenho). É esse o objetivo da 2a. tópica. O que não impede da leitura do texto, "O Id e o Ego", (38) deixar como saldo um clima das dificuldades do ego, sob as ordens de três senhores. Lembrando um provérbio que adverte para não se servir a dois senhores, Freud prossegue:

"O pobre do ego passa por coisas ainda piores: ele serve a tres senhores e faz o que pode para harmonizar entre si seus reclamos e exigências. Esses reclamos são sempre divergentes e frequentemente parecem incompatíveis. Não é para admirar se o ego tantas vezes falha em sua tarefa." (46)

b) O Superego

Para fundamentar a entidade nova que surge na 2a. tópicica, o superego, cuja existência se torna possível a partir de uma diferenciação do ego, Freud começa por explicar que o ego pode se dividir. E essa divisão se manifesta nos estados saudáveis através da consciência -

*"Dificilmente existe em nós alguma outra coisa que tão regularmente separamos de nosso ego e a que facilmente nos opomos justamente nossa consciência." (46)*

Consciência aqui com o significado moral, aquela que censura certos atos e provoca remorsos.

E nos estados patológicos, podemos observar tal divisão nos delírios de perseguição dos paranoicos, e na severidade e rigor com que se julgam os melancólicos.

Então, ao ego é possível se dividir e se diferenciar. Mas como se constitui essa diferenciação, superego ?

A palavra chave, que também o é para o ego, é um processo que se desenvolve desde tempos bem primitivos no indivíduo - a identificação.

Esse assunto é bastante complexo, não deixa de ter como em outros temas, contradições e ambiguidades .

Como enunciamos anteriormente, o ego se forma através de catexizações de objetos abandonados.

A identificação é uma primeira forma de ligação com outra pessoa, anterior mesmo à escolha objetal, e é nesse caso identificação primária. A identificação acontece em relação a um modelo, que é reconhecido a partir de um traço comum. A identificação primária por ex: o menino tem uma identificação com o pai porque tem uma percepção ics de que ambos têm o mesmo sexo, pois então, essa identificação primária seria o suporte para as que vão acontecer depois.

Para falar da formação do superego há de se considerar

- que o bebê humano vive um longo período de dependência e desamparo, tempo de ligações marcantes
- que é constituído por uma bissexualidade
- e que passa por um período chamado complexo de Edipo, em que se desenvolvem as relações mais primitivas de identificação e escolha de objeto em relação à dupla parental. Essa fase é decisiva na estória do indivíduo, definindo-lhe a identidade sexual e produzindo-o como herdeiro do modelo parental, o superego.

*"... os efeitos das primeiras identificações efetuadas na mais primitiva infância serão gerais e duradouros." (38)*

O menino que já fizera uma identificação primária com o pai, volta a se identificar com ele, ambos são homens, e agora ambos querem o mesmo objeto, a mãe.

Obrigado a abandonar o objeto amoroso porque este lhe é interdito pelo pai, o menino como que introjeta uma lei, uma pro

ibição - ser como o pai, mas não absolutamente igual ao pai melhor dizendo, embora o modelo continue o pai, a criança compreende que tem coisas que o pai faz que são prerrogativas de le.

Lembrando a bissexualidade da criança veremos que a coisa não é tão simples porque o menino também se identifica com a mãe e tem por objeto o pai.

*"O amplo resultado geral da fase sexual dominado pelo Complexo de Edipo pode, pois ser tomada como sendo a formação de um precipitado no ego, consistente dessas duas identificações unidas uma com a outra de alguma maneira. Esta modificação do ego retém a sua posição especial; ela se confronta com os outros conteúdos do ego como um ideal do ego ou superego." (38) (\*)*

Então, ao ego é possível se dividir e assumir características que vão possibilitar reconhecê-lo no desenvolvimento humano, como resultado de primitivas identificações e catexias objetais.

Ao mesmo tempo que o pai funciona como modelo-ideal-"você deveria ser assim", ele interdita ao filho o objeto amoroso de ambos, "você não pode ser assim". Simultaneamente modelo e interdição.

---

(\*) O grifo é nosso. Mais adiante discutiremos essa afirmação "ideal do ego ou superego".

*"O superego, contudo, não é simplesmente um resíduo das primitivas escolhas objetais do id; ele também representa uma formação reativa enérgica contra essas escolhas." (38)*

Esse parágrafo deixa antever também como vão ser profundas as relações id-superego.

Então, a partir da sua própria constituição o superego tem uma missão dupla - estabelecer um ideal e reprimir a vivência edipiana. O complexo de Édipo é "dissolvido", segundo Freud, a partir de um dado de realidade - a impossibilidade de sua realização ou um tempo natural para sua destruição, ou então mais provavelmente a partir da ameaça de castração (41), questão que será abordada mais amplamente, num capítulo posterior.

É claro que todo esse processo se desenrola no nível inconsciente, embora haja textos que deixem dúvidas sobre isso.

O superego, uma vez constituído, continua seu intercâmbio com as situações que se fazem autoridade ou que lhe servem de modelo, religiosas, educacionais, etc.

Vimos numa citação anterior, que Freud usa alternativamente, para designar essa nova instância os termos superego e ideal de ego.

Parece-nos que aí há uma confusão, visto ter ficado claro que o ideal de ego é uma das funções do superego.

A primeira vez que Freud fala sobre a formação desse ideal é no seu texto sobre o narcisismo. À medida que a criança se desenvolve, a partir do contato com a realidade e com

os valores dos pais, ela vai tendo que renunciar àquele momento megalomaniaco, pelo qual todos passam, em que o seu próprio eu é o seu ideal. Esse narcisismo infantil é deslocado para um outro objetivo.

*"Como acontece sempre que a libido está envolvida mais uma vez aqui o homem se mostra incapaz de abrir mão de uma satisfação que outrora desfrutou. Ele não está disposto a renunciar à perfeição narcisista de sua infância; e quando, ao crescer, se vê perturbado pelas admoestações de terceiros e pelo despertar de seu próprio julgamento crítico, de modo a não mais poder reter aquela perfeição, procura recuperá-la sob a nova forma de um ego ideal<sup>5</sup>. O que ele projeta diante de si como sendo seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância no qual ele era o seu próprio ideal." (25)*

Em 1932, na Conf. XXXI (46), Freud parece resgatar novamente a diferença entre as duas funções do superego, de controle e consciência moral, e de ideal, quando trata da diferença entre o sentimento de inferioridade e culpa - ambas resultado da tensão entre o ego e o superego, mas a inferioridade com raízes eróticas, e a culpa mais ligada a consciência moral.

(5) Há aqui um equívoco da tradução brasileira. No original a alemão a expressão é *ichideal*, que deveria ser traduzida por ideal de ego.

(\*) O grifo é nosso.

Quanto a origem do superego, Freud aborda-a do ponto de vista ontogenético, como descrevemos até agora, uma herança do complexo de Édipo, e sob o aspecto filogenético

*"constitui herança do desenvolvimento cultural tornado necessário pela época glacial. Vemos, então, que a diferenciação do superego a partir do ego não é questão de acaso; ela representa as características mais importantes do desenvolvimento, tanto do indivíduo quanto da espécie; em verdade, dando expressão permanente à influência dos pais, ela perpetua a existência dos fatores a que deve sua origem."* (38)

(com essa afirmação parece que fica indiscutível também a origem filogenética do ego, admitida como verdadeira a concepção do superego como diferenciação do ego).

Mais adiante, no mesmo texto: *"o superego, seguindo a nossa hipótese, originou-se, em realidade, das experiências que levaram ao totemismo."*

O que não impede, todavia, de Freud afirmar, mais tarde que a consciência não existe em nós desde o início, ela é um acréscimo posterior.

*"... as crianças de tenra idade são amorais e não possuem inibições internas contra seus impulsos que buscam o prazer. O papel que mais tarde é assumido pelo superego é desempenhado, no início, por um poder externo, pela autoridade dos pais"...* (46)

E depois, desqualifica essa situação de realidade externa por que



"contrariando nossas expectativas, porém a experiência mostra que o superego pode adquirir essas mesmas características de severidade inflexível, ainda que a criança tenha sido educada de forma branda e afetuosa, e se tenham evitado, na medida do possível, ameaças e punições." (46)

Ou então, afirma, meio ambigüamente:

"via de regra, os pais, e as autoridades análogas a eles, seguem os preceitos de seus próprios superegos ao educar as crianças. Seja qual for o entendimento a que possam ter chegado entre si o seu ego e o seu superego, são severos e exigentes ao educar os filhos. Esqueceram as dificuldades de sua própria infância e agora se sentem contentes com identificar-se, eles próprios, inteiramente, com seus pais, que no passado impuseram sobre eles restrições tão severas. Assim, o superego de uma criança é, com efeito, construído segundo o modelo, não de seus pais, mas do superego de seus pais; os conteúdos que ele encerra são os mesmos, e torna-se veículo da tradição e de todos os duradouros julgamentos de valores que dessa forma se transmitiriam de geração em geração." (46)

A severidade do superego, Freud a liga a uma des fusão instintual, consequência da identificação do pai como modelo, em que a agressividade, sem vínculo com seu componente erótico flui através de uma tendência à destruição (38), ou como em certas neuroses, manifestando-se através de culpa intensa e desejo de punição, que em certos tratamentos se manifesta como reação terapêutica negativa, e que atinge na melancolia um

auge de sadismo, que é "uma cultura pura do instinto de morte." (38).

Isso tudo nos leva a concluir da origem filogenética do superego, da sua intimidade com o id e portanto, também, das suas relações com a pulsão de morte.

Além do que, parece corresponder à aquisição mais nobre do homem, na escala filo ou ontogenética. Inúmeras vezes Freud afirma essa herarquia, mais particularmente entre as três instâncias, dentro de um esquema evolutivo.

*... "podemos dar uma resposta a todos aqueles cujo senso moral ficou chocado e que se queixaram de que, certamente deveria haver uma natureza mais alta no homem: muito certo, podemos dizer, e aqui temos essa natureza mais alta, neste ideal do ego ou superego, o representante de nossas relações com nossos pais" (38)*

E, *"devido à maneira pela qual o ideal do ego se forma, ele possui os vínculos mais abundantes com a aquisição filogenética do indivíduo - a sua herança arcaica. O que pertencente à parte mais baixa da vida mental de cada um de nós é transformado, mediante a formação do ideal, no que é mais elevado na mente humana pela nossa escala de valores." (38)*

*"O superego é para nós o representante de todas as restrições morais, o advogado de um esforço tendente à perfeição - é, em resumo, tudo o que podemos captar psicologicamente daquilo que é catalogado como o aspecto mais elevado da vida do homem." (46)*

Resumindo, o superego é o resultado de vivências primitivas de identificações e escolhas de objeto que acontecem numa fase de desenvolvimento sexual, chamada "complexo de Edipo", onde há de se levar em conta a dependência do organismo humano nos seus primeiros tempos e a sua bissexualidade. Essa derivação do "complexo de Edipo"

*"coloca-o em relação com as aquisições filogenéticas do id e torna-o uma reencarnação de antigas estruturas do ego, que deixaram os seus precipitados atrás de si no id. Assim o superego acha-se sempre próximo do id e pode atuar como seu representante vis-à-vis do ego. Ele desce fundo no id, e por essa razão, acha-se mais distante da consciência que o ego" (38)*

Suas funções, de uma forma ampla, seriam a fixação de um ideal e o cuidado para o cumprimento dele, o que implica as atividades de vigiar, julgar e punir, e o desempenho como agente da repressão e censor dos sonhos.

c) Identificação

A identificação é promovida na segunda tópica freudiana a processo constitutivo da organização psíquica, estando à base da formação do ego e do superego.

Deixa de ser referida apenas como entendimento de determinados quadros patológicos, da histeria (identificação histérica como referência para compreender o sintoma), da melancolia e da paranoia (identificações narcísicas).

Freud, já em 1896 e em 1897, em cartas a Fliess relaciona a identificação com o sintoma histérico.

Desenvolve depois o conceito de identificação histérica nos seus trabalhos sobre a histeria e na investigação sobre o mecanismo dos sonhos (15).

Nesse último texto mostra como a identificação histérica é diferente da imitação, e como é possível, numa enfermaria de hospital, por ex., lastrar uma infecção psíquica, ou seja uma repetição de ataques histéricos.

Isso acontece a partir da inferência de uma causa comum por parte dos pacientes, inferência esta que se processa numa região psíquica diferente da consciência.

*"Assim, a identificação não constitui uma simples imitação mas uma assimilação à base de uma etinologia semelhante; expressa uma semelhança, e se origina do elemento comum que permanece no íca." (15)*

Nesse momento Freud atribui a possibilidade desse contágio a um movimento da simpatia em relação ao indivíduo que produziu o primeiro ataque histérico. No exemplo então citado uma pessoa teria tido ataque depois de ter recebido uma carta de casa, a lembrança de um caso de amor infeliz.

Mais tarde, já em 1921 (37), Freud num exemplo bastante semelhante descarta a intermediação da simpatia. De novo se trata de uma infecção mental e o "*mecanismo é o da identificação baseada na possibilidade ou desejo de colocar-se na mesma situação.*" ... "*Seria errado supor que assumem o sintoma por simpatia.*" (37)

Ainda importantes para compreender o conceito de identificação foram as abordagens na "Introdução ao Narcisismo" (23), onde Freud desenvolve a idéia de um vínculo anterior a uma escolha de objeto, e em "Luto e Melancolia", onde distingue o luto normal do luto patológico, explicando este pela incorporação do objeto perdido, que implica uma regressão da escolha de objeto para uma identificação narcísica.

Mas a identificação como acontecimento produtor das instâncias psíquicas, ego e superego e como, processo do desenvolvimento normal do aparato psíquico, vai surgir em "Psicologia de Grupo e Análise do Ego" (37), "O Ego e o Id" (38) e "Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise" (46).

Embora o assunto não desenrole de forma sistemática, e embora falte clareza em determinados momentos, ficam assinalados:

19 a diferença entre identificação primária e identificação secundária. A primária "é direta e imediata" (38) anterior a qualquer catexia objetal, a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa (37), (38). É claro que aqui fica subentendida a relação com outro objeto, mas não se trata de uma escolha amorosa. (Essa discussão teria, para maior aprofundamento que levar em conta as oposições dos instintos).

A diferença entre uma identificação e uma escolha de objeto, se considerarmos o pai como referência, estaria em querer ser ou querer ter o pai.

A identificação primária seria o suporte das outras identificações que acontecem no desenrolar do complexo de Édipo, de extrema importância para a constituição psíquica, e das que sucedem a esse período, no viver de cada um.

A identificação primária é então um modo de constituir-se a partir de um modelo e "*comporta-se como um derivado de primeira fase de organização de libido, de fase oral*" (37) em que um objeto é ingerido e aniquilado. Daí a ambivalência presente desde o início em qualquer identificação.

A identificação secundária é também um movimento relacionado a um modelo, do qual se procura assimilar um ou vários atributos. Aqui já se teria estabelecido uma escolha de objeto, cuja perda ou ameaça de perda provoca uma regressão da escolha de objeto para identificação (como fica claro na melancolia). Talvez pudéssemos dizer que intermediando a identificação primária e secundária esteja a anaclítica onde identificação e escolha de objeto se confundem (38), onde instintos do

ego e instintos sexuais se dirigem para o mesmo objeto (25).

29 Os vários tipos de identificação:

- forma mais primitiva de laço emocional;
- forma de regressão, mediante ameaça ou perda de objeto com vínculo libidinal, e introjeção do objeto no ego;
- e forma de percepção de qualidade comum com outras pessoas, que não são objeto sexual (37).

Sobre esse tipo de identificação Freud vai entender a organização de grupos com líder, em que a qualidade comum entre os participantes vai ser a relação com o líder, que ocupa para cada um, o lugar do superego.

39 A identificação pode ser parcial ou total (não absolutamente total).

Em muitos casos incide em apenas um aspecto do objeto.

Como vimos anteriormente o ego e o superego resultam de identificações. Elas vão constituindo o indivíduo, e garantindo os valores de cultura, da raça, da classe social.

Em relação ao ego, a identificação, num sentido amplo, e aqui citamos Leon Grinberg, seria

*"o conjunto de mecanismos e funções que determinam como resultado o ativo processo estruturante que ocorre dentro do ego, sobre a base da seleção, inclusão e eliminação de elementos provenientes do objetos externos e/ou internos que formarão os componentes que ampliarão a estrutura rudimentária do ego dos primeiros instantes da vida." (51)*

E em relação ao superego, resultante dos processos que se desenvolvem no complexo de Edipo, as identificações, poderíamos dizer, seriam responsáveis pela conservação (seria demais dizer estagnação?) da cultura

*"Durante toda vida posterior |o superego| representa a influência da infância de uma pessoa, do cuidado e da educação que lhe foram dados pelos pais e de sua dependência destes - uma infância que é tão grandemente prolongada, nos seres humanos, por uma vida familiar comum. E, em tudo isso, não são apenas as qualidades pessoais desses pais que se fazem sentir, mas também tudo o que teve um efeito determinante sobre eles próprios, os gostos e padrões da classe social em que viveram e as disposições e tradições inatas da raça da qual se originaram." (49)*



V - FREUD: A CASTRAÇÃO E O INSTINTO DE MORTE

a) A Castração

Falar em "complexo de castração" em Freud implica trazer à discussão vários outros conceitos: fantasias ou fantasmas primitivos, ansiedade primitiva (desamparo) e trauma, narcisismo, complexo de Edipo e as conseqüentes relações entre ego e ideal de ego, além das teorias sexuais infantis.

O termo é referido pela primeira vez, em 1908 (19), embora em 1900 (15) já se possa inferir uma alusão à "ameaça de castração". (De acordo com uma nota do Vocab. de Psicanálise (57) a alusão de Zeus castrando Cronos está errada). Essa primeira referência está no contexto das teorias sexuais infantis - onde Freud evolui da dúvida "*se as observações aqui relatadas a respeito de algumas crianças seja verdade para todas as crianças*" (19) para, a partir das necessidades da constituição psicosexual da criança, admitir que "*podemos falar de teorias sexuais infantis típicas*" ... encontrando "*as mesmas crenças errôneas em todas as crianças a cuja vida sexual temos acesso*" (19). A primeira destas teorias consiste em atribuir a todos, inclusive às mulheres, a posse de um pênis. Esse pênis cuja estimulação provoca muito prazer, pode ser ameaçado quando alguém, os pais ou a ama, surpreendem a criança manipulando-o. "*O efeito dessa "ameaça de castração" é proporcional ao valor conferido ao órgão, sendo extraordinariamente profundo e persistente.*" (19)

As meninas, que também parecem acreditar na sua possibilidade de ter um pênis, invejam o do menino e costumam a generalizar a sua falta nas mulheres "*porque supõem ser a falta de um pê-*

*nis resultado de ter sido castrada como punição."* (39)

As impressões de ausência de pênis as crianças reagem sempre, inicialmente, com uma recusa. (A primazia do falo (39), a negação da vagina, implicam como consequência outra teoria sexual infantil: o nascimento dos bebês pelo ânus, como fezes). A negação é seguida pela convicção de que se o pênis não está, já esteve. É portanto possível perdê-lo.

A "ameaça de castração" tem um efeito fundamental na constituição psíquica - ela leva a criança, mergulhada numa atitude edípiana com os pais a "*voltar as costas ao complexo de Edipo*" (41)

Explicando melhor: as possibilidades de satisfação, ativa ou passiva, que a situação triangular edípiana parece acenar à criança submergem ao enfrentamento da castração (ã admissão de que as mulheres são castradas), porque ambas acarretam a perda do pênis (isto falando do caso do menino) - "*a masculina como uma punição resultante e a feminina como pre-condição.*" (39)

O complexo de castração tem também um papel fundamental nas neuroses, em todas as neuroses (25)<sup>6</sup> e para compreender melhor esse enfoque há de remeter ao narcisismo, à compreensão primitiva de ego ideal, posteriormente substituída pelo ideal de ego.

---

(6) : Essa afirmação se baseia num pé de página acrescentado em 1926, ao texto: "Sobre o narcisismo: Uma Introdução". Em *Inibições, Sintomas e Ansiedade*, 1926, há uma correlação entre o determinante de ansiedade na histeria, na fobia, na neurose obsessiva, que seriam respectivamente, a perda do amor, a ameaça da castração e o medo do superego.

Quando Freud analisa e aproxima dois casos clínicos (44), (26), (20), o "Homem dos Lobos" e o "Pequenos Hans", a par do montante das diferenças implicadas, uma motivação comum é discriminada.

*"Parece-me que em ambos os casos podemos delectar qual a força motriz da repressão e podemos consubstanciar nosso ponto de vista sobre sua natureza a partir de linha de desenvolvimento que as duas crianças subsequentemente seguiram. Essa força motriz era a mesma em ambas. Era o temor de castração iminente." (44) E, "aqui, então, está o nosso inesperado achado: em ambos os pacientes a força motriz da repressão era o medo da castração." (44)*

Particularmente relacionada à castração estão as perversões e a criação de fetiches.

Convém ressaltar que Freud não atribui à neurose qualquer conteúdo mental peculiar -

*"eles adoecem [os neuróticos] devido aos mesmos complexos com que nós, as pessoas sadias, lutamos. A única diferença é que as sadias sabem superar esses complexos sem sofrer danos graves e visíveis na vida prática", enquanto os outros "só obtêm êxito às custas de dispendiosas formações substitutivas, isto é, do ponto de vista prático trata-se de um fracasso." (19)*

A discussão da castração nos leva a um outro questionamento, a relação entre os fatos reais e a fantasia, entre a realidade material e a realidade psíquica (34)

A atitude de Freud parece-nos bastante cautelosa quando se trata de remeter a castração a um estado de fantasia inconscien-

te. Disso temos alguns indícios a partir sobretudo das omissões. Em "O Ego e o Id" (38) por ex, quando está tratando de estabelecer uma nova instância psíquica, o super-ego, herdeiro do complexo de Édipo, faz, apenas duas referências à castração, isso já no Cap. V, onde o medo da castração é relacionado à origem de outros medos - da consciência e da morte - , por sua vez decorrente da identificação que gera o ideal de ego. Também discreta é a alusão à característica inconsciente do complexo de Édipo ... *"pois a origem da consciência (conscience) acha-se intimamente vinculada ao complexo de Édipo , que pertence ao inconsciente."* (38)

Embora uma abordagem preliminar de determinado aspecto , por ex, a correspondência entre presente, fezes e bebês date de 1905 (17), só em 1917 (35) Freud vai desenvolver com mais fôlego tal equivalência, então ampliada para dinheiro (dãdiva), fezes, pênis, bebê, identificação feita a nível inconsciente, e onde pretende relacionar os acontecimentos anais com a castração.

É também em 1917, na Conferência XXIII - "Os caminhos da formação dos sintomas", (34) que Freud vai tratar mais amplamente da relação fantasia-realidade, discutir o conceito de fantasias primitivas, onde inclui a castração.

A partir da sua prática clínica percebe que os relatos dos pacientes sobre suas experiências infantís nem sempre são verdadeiros, *"e na maior parte dos casos são situações compostas de verdade e de falsificação."* (34)

Surpreendentemente, essa mistura não faz diferença para a análise - *"... Levará um bom tempo até poder assimilar a nossa*

*proposição de que podemos igualar fantasia e realidade"... (34)*

A fantasia tem realidade psíquica, em contraste com a realidade material, e o fato de ter sido produzida significa que "dificilmente terá, para a sua neurose, importância menor do que teria se tivesse realmente experimentado o que contém suas fantasias. (34)

E Freud observa mais, as fantasias são sempre as mesmas, elas se repetem - a sedução de crianças, a excitação decorrente de observar o coito dos pais, a ameaça de castração (ou a própria castração).

Freud atribui-lhes um caráter filogenético e denomina-as de fantasias primitivas.

*"Nelas o indivíduo se contacta, além de sua própria experiência, com a experiência primitiva naqueles pontos nos quais sua própria experiência foi demasiado rudimentar" (34)*

*Elas (as fantasias) "foram, em determinada época, ocorrências reais dos tempos primitivos da família humana" ... (34)*

O lugar da castração entre as fantasias primitivas vai ser discutido em 1926 com o texto "Inibições, Sintomas e Ansiedade" (44) onde se pretende estabelecer "a ansiedade originária" ou seja, aquela ansiedade de separação máxima à qual todas as outras poderiam ser remetidas.

Para Rank seria o trauma do nascimento, para Stekel o medo da morte e para Freud a ameaça de castração (Essa afirmação coincide com a reformulação teórica que vinha sendo feita desde algum tempo, em que se pretende entender a ansiedade como causa dos mecanismos de defesa (44) e não como consequência como fora

proposto anteriormente, (28).

E depois de aproximar a ansiedade nas fobias e na neurose obsessiva, Freud afirma:

*"A situação de perigo da qual o ego deve fugir é a hostilidade do superego. Não há aqui qualquer vestígio de projeção; o perigo está inteiramente internalizado. Mas se perguntamos a nós mesmos o que é que o ego teme do superego, não podemos deixar de pensar que o castigo ameaçado pelo segundo deve ser uma extensão do castigo de castração."* (44)

(As referências à castração em "O Ego e o Id", já mencionadas anteriormente como que antecipam esta citação).

Seria mais verdadeiro dizer que se criam sintomas a fim de evitar uma situação de perigo cuja presença foi assinalada pela geração de ansiedade. Nos casos que examinamos o perigo em causa foi o de castração ou de algo remontável à castração." (44)

Essa ansiedade originária, legado filogenético, é específica, e embora outras, o nascimento, desmame, excreção, constituam protótipos da castração, *"a expressão complexo de castração deve restringir-se apenas àquelas excitações e consequências decorrentes da perda do pênis."* (20)

Fica assim estabelecido, de forma indiscutível, a primazia do falo.

Parece-nos oportuno levantar duas questões:

- Freud diz que o inconsciente é basicamente afirmativo, não tem representação do não, nem da morte. Como explicar a representação da castração?

- No inconsciente a energia circula livre, não estruturando. Como explicar um processo hierárquico, que dá primazia a uma representação?

Presumivelmente, as respostas seriam dadas pelo ego da segunda tópica, que fora o id, teria características do processo secundário ...

b) Os Instintos de Morte

*"A teoria dos instintos é, por assim dizer, nossa mitologia. Os instintos são entidades míticas, magníficos em sua imprecisão."*

(47)

*"De todas as partes lentamente desenvolvidas de teoria analítica, a teoria dos instintos foi a que mais penosa e cautelosamente progrediu" (45)*

É o próprio Freud que registra a dificuldade dessa elaboração. Sua definição de instinto oscila, no decorrer de vários textos, entre identificar ou distinguir, instinto e representante instintual ("Trieb" e "Triebrepräsenz"), o que significa oscilar entre uma conceituação somática ou uma representação psíquica. É a própria ambiguidade do conceito que se manifesta,

*"um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático... o representante psíquico dos estímulos que se originam de dentro do organismo e alcançam a mente." (27)*

O termo instinto só aparece em Freud nos "Tres Ensaio sobre Sexualidade" (17), em 1905, embora como significado surja antes através de outras expressões - "excitações", "ideias afetivas", "estímulos endógenos". (27)

A própria distinção que é estabelecida em 1915 (27) entre estímulo e instinto com referência a impacto momentâneo ou constante já fora antecipada em 1895 (12)

Os instintos podem ser abordados em quatro aspectos: pressão, finalidade, objeto e fonte.

E o fato de se diferenciarem, de terem efeitos diversos na vi-



da mental supõe não necessariamente qualidades diferentes,

*"é muito mais provável que achemos suficiente a suposição mais simples - a de que todos os instintos são qualitativamente semelhantes e devem o efeito que causam somente à quantidade de excitação que trazem em si, ou talvez, além disso, a certas funções dessa quantidade." (27)*

O efeito diferente pode também ser remetido à diferença das fontes.

Embora reconhecendo uma diversidade de instintos Freud é, em toda a obra, dualista, ou seja, supõe que todos os instintos possam ser classificados em duas categorias, conforme elas representem necessidades básicas do organismo humano.

O primeiro registro se definiu a partir da fome e do amor(47) - instintos de autopreservação ou do ego e instintos sexuais. Destes, os instintos sexuais são os mais conhecidos e deles pode-se afirmar uma grande plasticidade, a capacidade de se substituírem e de alternarem sua finalidade e de se submeterem a adiamentos. (47)

Dos instintos do ego não se pode negar tais características, a não ser da fome e da sede, cuja especificidade deve remontar as suas fontes.

A biologia serve de suporte a essa distinção entre os dois grupos de instintos, pois

*"ensina que a sexualidade não deve ser colocada em pé de igualdade com outras funções do indivíduo, pois suas finalidades ultrapassam o indivíduo e têm como seu conteúdo a produção de novos indivíduos - isto é, a preservação da espécie." (27)*

Os instintos sexuais foram o primeiro objeto de estudo, único grupo a poder ser observado nas psiconeuroses, e sua energia foi denominada libido.

*"Com a extensão da psicanálise às outras afecções neuróticas, sem dúvida encontraremos também uma base para o nosso conhecimento dos instintos do ego"... (27)*

E quando Freud chega à concepção do narcisismo, e reconhece que uma parte dos "instintos do ego" é também libidinal, a oposição anteriormente estabelecida perde o sentido - ambos os grupos passam a ter a libido como componente e perdem assim a diferença. Então, pergunta Freud, será que tudo pode ser explicado pela sexualidade, ou será que a libido corresponde a uma força instintual, em geral, como pretendeu Jung?

*"De modo algum era nossa intenção produzir tal resultado" (47)*

E insistindo na sua tendência dualista, propõe uma nova oposição, agora entre instintos de vida e instintos de morte.

A proposição desse novo par antitético e a construção da teoria que o suporta é apresentada com uma certa cautela, em "Alem do Princípio do Prazer" (36),

*"não discuto o fato que o terceiro passo pela teoria dos instintos, por mim dado aqui, não pode reivindicar o mesmo grau de certeza que os dois primeiros: a extensão do conceito de sexualidade e a hipótese do narcisismo."*

A convicção vem mais tarde e é manifestada em "O Mal Estar na Civilização" (45):

*"A princípio foi apenas experimentalmente que apresentei as opiniões aqui desenvolvi-*

das |referentes a instintos de vida e de morte|, mas, com o decorrer do tempo, elas conseguiram tal poder sobre mim, que não posso mais pensar de outra maneira."

A observação de alguns fatos - a repetição nos jogos das crianças, a transferência no tratamento dos neuróticos, os sonhos traumáticos (principalmente estes) - levam Freud a postular uma compulsão a repetição a nível de instinto. Essa nova categoria não estaria sujeita ao princípio do prazer, que perderia a sua hegemonia sobre os processos mentais além de ser reduzido a uma "tendência" da mente.

... "estritamente falando é incorreto falar na dominância do princípio do prazer sobre o curso dos processos mentais ... O máximo que se pode dizer, portanto é que existe na mente uma forte tendência no sentido do princípio do prazer." (36)

Admite que existem

"tendências além do princípio do prazer, tendências mais primitivas do que ele e dele independentes." Seria melhor dito - tendências aquem do princípio do prazer. ( 2 )

Outros fatos são invocados para corroborar com a nova hipótese teórica:

"Se abarcarmos no seu conjunto o quadro composto pelas manifestações do masoquismo imamente de tantas pessoas, a reação terapêutica negativa e o sentimento de culpa dos neuróticos, já não podemos agarrar-nos à crença de que o funcionamento psíquico é exclusivamente dominado pela tendência para o prazer." (48)

É recorrendo a biologia e, por vezes à filosofia que Freud estabelece suas novas afirmações.

A evolução de um organismo vivo em sua forma mais simples, sensível a estimulação, implica no seu desenvolvimento, na formação de uma couraça protetora, que num determinado momento é incapaz de modificação. Essa proteção nos organismos mais evoluídos se transforma nos órgãos dos sentidos, com uma dupla função - sensibilidade a determinados estímulos e proteção contra outros ou contra intensidades excessivas. O trauma seria o rompimento dessa proteção e excluía momentaneamente o princípio do prazer. Equivaleria ao choque e

*"nós procuramos compreender quais são os efeitos produzidos sobre o órgão da mente pela ruptura do escudo contra estímulos e pelos problemas que se seguem em sua esteira." (36)*

O susto tem então um papel importante, ele significa falta de preparação para a ansiedade.

Os sonhos de pacientes com neurose traumática, então, que repetem com regularidade a situação do trauma, procuram de alguma forma desenvolver uma ansiedade cuja falta possibilitou o trauma.

*"Podemos supor que aqui os sonhos estão ajudando a executar outra tarefa [não mais a realização alucinatória de desejos], a qual deve ser realizada antes que a dominância do princípio de prazer possa mesmo começar." (36)*

"Concedem-nos assim a visão de uma função do aparelho mental, visão que embora não contradiga o princípio do prazer, é sem embargo, independente dele, parecendo ser mais primitiva do que o intuito de obter prazer e evitar desprazer." (36)

Alem disso, do aparecimento tardio da vida Freud infere a compreensão do instinto como "um impulso, inerente à vida orgânica, a restaurar um estado anterior de coisas." (36) Atribui à compulsão à repetição a característica de instinto, acentuando-lhe o aspecto conservador. (Poderíamos perguntar: conservação da vida ou da não-vida? ou ainda, conservação ou restauração?)

E passa a admitir que os instintos se classificam em dois grupos: instintos de vida, Eros e instintos de morte.

"Podemos deter-nos por um momento sobre essa visão preeminente dualística da vida instintual. De acordo com a teoria de E. Hering, dois tipos de processos estão constantemente em ação na substância viva, operando em direções contrárias, uma construtiva ou assimilatória, e a outra, destrutiva ou dissimilatória. Podemos atrever-nos a identificar nessas duas direções tomadas pelos processos vitais a atividade de nossos dois impulsos instintuais, os instintos de vida e os instintos de morte? Existe algo mais, de qualquer modo, a que não podemos permanecer cegos. Inadvertidamente voltamos nosso curso para a baía da filosofia de Schopenhauer. Para ele, a morte é o verdadeiro resultado e, até esse ponto, o propósito da vida, ao passo que o instinto sexual é a corporificação da vontade de viver." (36)

(Parece-nos que até aqui, podemos apontar duas confusões em Freud - ciclo instintivo é equiparado a ciclo vital e no ciclo instintivo, sujeito ao princípio da constância, inadvertidamente é estabelecida uma equivalência entre reduzir ao mínimo, manter constante ou remover inteiramente a tensão interna devida aos estímulos).

Eros, cuja energia é a libido, é o encarregado de agrupar as substâncias em unidades cada vez maiores, o instinto de morte encarregado do retorno ao inorgânico.

A dualidade, primeiro comparada a amor e ódio (38) é, de pois referida à vida, de um lado, e morte ou agressão ou destruição, de outro, sendo antes lembrado o sadismo conjugado com o erotismo e estabelecido um masoquismo primário.

*"Nas funções biológicas, os dois instintos básicos operam um contra o outro ou combinam-se mutuamente." (49)*

*"Se, portanto, não quisermos abandonar a hipótese dos instintos de morte, temos que supor que estão associados, desde o início, com os instintos de vida." (38)*

Pode-se supor que a libido presente num ego-id ainda indiferenciado, neutraliza as tendências destrutivas, também presentes. As manifestações da libido podem ser reconhecidas posteriormente, o mesmo não acontecendo com a energia dos instintos destrutivos.

O instinto de morte é silencioso. Ele é percebido quando se coloca para fora, como instinto de destruição, através do aparelho muscular.

Não se sabe muito bem como os instintos se fundem, "mas

*que isso se realiza de modo regular e de modo muito extensivo, constitui pressuposição indispensável à nossa concepção" (38)*

Se é admitida a fusão, há de se supor a des fusão. O sadismo como participante do instinto sexual seria um exemplo de fusão, e de des fusão, o sadismo que se torna independente como perversão.

A ambivalência, tão presente nas disposições constitucionais à neurose, poderia representar instintos desfundidos ou, mais presumivelmente, uma fusão instintual incompleta.

Entretanto, se amor e ódio se transformam um em outro, com tanta frequência, o que nos permite supor que tanto aí como na fusão instinto de vida e instinto de morte ou de destruição, tratam-se de qualidades diferentes? Freud faz a hipótese da existência, no ego ou no id, uma energia neutra, deslocável, que se acrescentaria ao impulso erótico ou destrutivo. Essa energia seria procedente de um "estoque narcísico de libido" - Eros dessexualizado.

Depois de afirmar que essa libido deslocável é empregada a serviço do princípio do prazer, no sentido de facilitar a descarga, e de que essa libido dessexualizada pode ser entendida como energia sublimada, que manteria a finalidade principal de Eros, de unir e ligar, resta a Freud, apegado a um ponto de vista dualista fundamental, reafirmar a nudez dos instintos de morte, *"e que o clamor de vida procede, na maior parte, de Eros."*

(38)

E, *"não estamos afirmando que a morte é o único objetivo da vida; não estamos desprezando o fato de que existe vida assim como existe morte. Reconhecemos dois instintos básicos, e atribuímos a cada um deles a sua*

*própria finalidade. Como os dois se mesclam no processo de viver, como o instinto de morte é posto a serviço dos propósitos de Eros, especialmente sendo voltado para fora na forma de agressividade - estas são tarefas reservadas à investigação futura." (47)*



VI - NIETZSCHE E A CENA FILOSÓFICA \*

"Parlons sérieusement; nous avons de bonnes raisons d'espérer qu'en philosophie la dogmatisation, en dépit de ses attitudes solennelles et définitives, pourrait bien n'avoir été que noble enfantillage, maladresse de débutant. Peut-être le temps est-il très proche où l'on s'avisera que la pierre angulaire des édifices sublimes et inconditionnés que les philosophes dogmatiques se sont plu à élever n'était au fond que superstition populaire venue d'un temps immémorial (comme la superstition de l'âme qui, devenue superstition du sujet et du moi, ne cesse aujourd'hui encore d'engendrer des méfaits); quelconque jeu de mots peut-être, suggestion aberrante de la grammaire, ou encore généralisation téméraire de quelques faits limités, très personnels, d'un caractère très humain, trop humain." ( )

"Il semble, que pour se graver, avec leurs exigences éternelles dans le cœur de l'humanité, toutes les grandes choses doivent d'abord errer à travers le monde sous la forme des masques monstrueux et effrayants; l'un de ces masques fut la philosophie dogmatique, par exemple la doctrine du vedanta en Asie, le platonisme en Europe". (63)

Nietzsche se propõe a reverter o platonismo e sua tarefa é dupla - abolir o dualismo entre essência e aparência, inteligível e sensível, Ideia e imagem, original e copia, mode-

(\*) Este é o título de um livro de Sarah Kofman, Union Générale Ed., 1979. Nossa exposição, entretanto não acompanha o seu texto, embora muitas vezes tenhamos recorrido a ele.

lo e simulacro e trazer à tona a motivação do platonismo, per seguir esta motivação.

O projeto platônico se manifesta pelo método da divisão. Este projeto é consequência de um processo anterior - a vontade de selecionar.

*"O platonismo é a Odisseia filosófica; a dialética platônica não é uma dialética da contradição nem da contrariedade, mas uma dialética da rivalidade, uma dialética dos rivais ou dos pretendentes. A essência da divisão não aparece em largura, na determinação das espécies de um gênero, mas em profundidade, na seleção da linhagem. Filtrar as pretensões, distinguir o verdadeiro pretendente dos falsos." ( 6 )*

À pergunta socrática "o que é o belo", Nietzsche opõe - a pergunta do sofista, "o que é belo", e a sua própria "quem avalia", "quem interpreta", "quem quer".

François Chatelêt, no seu artigo sobre Platão ( 3 ), diz da impossibilidade de pensá-lo fora do seu contexto histórico, ateniense do Sec. IV, decepcionado com a sua cidade.

*"Ora, é precisamente essa decepção e o projeto teórico que suscita que estão na origem da durabilidade do platonismo." ( 3 )*

Como se explica então que uma obra tão marcada pelo seu tempo

*"coloca ainda e sempre, problemas que são os nossos"? "Por que somos, quer queiramos, quer não, quer nos irriteemos, quer nos alegremos com isso, hoje ainda discípulos de Platão?"*

E, mais adiante, Châtelet responde - Platão definiu a filosofia e a razão. Razão que se transformou em racionalidade e , que, hoje é real. Seus critérios "organizam nossa vida e nossa morte".

Platão e depois o cristianismo, segundo Nietzsche "o platonismo dos pobres", vai nos induzir à desconfiança da nossa percepção, e dos movimentos do nosso corpo, nas suas pulsações, na sua sensibilidade, remetendo-nos a um outro mundo, o verdadeiro, cuja contemplação propiciaria o absoluto prazer. Isto sem descartar a experiência com o sensível.

Platão opera uma divisão no mundo - existem as Ideias, as essências, "as coisas em si", imutáveis, portanto eternas e idênticas a si mesmas, única realidade, e existem as aparências que constituem o mundo sensível, imerso no devir, portanto sujeito à imperfeição, e tanto mais imperfeito quanto menos cópia das essências. O mundo das aparências é mimético, imita o mundo das alturas, é icônico (remete à outra coisa pelo processo de semelhança). Existe uma gradação icônica, as primeiras cópias são as mais próximas da perfeição e à medida que se distanciam dos modelos vão se degradando, até a última degradação: o simulacro. O simulacro introduz a dissemelhança, a diferença, dispensa o modelo.

Então, o sistema platônico estabelece que o valor está no mundo das alturas, transcendente, que avalia e deprecia o nosso mundo. E esse nosso mundo é tanto mais verdadeiro quanto mais cópia for das Ideias. A sua realidade é resultado da sua participação na semelhança.

As essências podem ser conhecidas através da alma, que é seu mensageiro. A alma sente falta das alturas e a única maneira

de ascender a elas é pelo amor e pela memória.

No Fedro Platão desenvolve "o mito da circulação das almas". Há uma procissão com carros dos deuses e carros das almas. As almas, cocheiros conduzindo cavalos brancos e pretos, olham para cima e contemplam as essências. Depois, caem na terra, ganham corpo e se esquecem do que viram. Quando os homens amam, têm "a cabeça nas nuvens", e podem se lembrar das essências. As almas que viram muito - os filósofos e os reis. As que viram pouco - o demagogo, o tirano, o sofista.

O grande pretendente da verdade, quem vai poder enunciá-la é o filósofo. O último pretendente, aquele que deve ser perseguido, identificado ao simulacro, é o sofista.

Platão utiliza o mito para fazer passar o seu discurso, num momento em que a verdade é privilégio dos profetas e dos poetas. Mas está fundando o domínio da razão. E sobre isso diz Nietzsche:

*"Tudo com que os filósofos se ocupam há milhares de anos são ideias - múmias; nada real saiu vivo de suas mãos (...). O que é não se torna, não se faz, e o que se torna ou se faz não é. (...) E acima de tudo que pereça o corpo, essa lamentável ideia fixa dos sentidos, o corpo contaminado por todos os defeitos que a lógica pode descobrir, refutado, até impossível, se se quer, ainda que tão impertinente que se porta como fosse real ... (65)*

E no capítulo "Como o "mundo-verdade" tornou-se enfim uma fábula" (História de um erro):

"O mundo-verdade acessível ao sábio, ao religioso, ao virtuoso, vive nele, ele mesmo é esse mundo.

(Esta é a forma mais antiga da ideia, relativamente racional, simples, convincente. Perífrase da proposição: "Eu, Platão, sou a verdade".)" (65)

"Parece-me que ele [Platão] se desviou de todos os instintos fundamentais dos gregos; encontro-o tão impregnado de moral, tão cristão antes do cristianismo - já apresentou a ideia do bem como ideia superior - que me sinto tentado a empregar (...) o seguinte epíteto: Platão, ou a mais elevada farsa, ou melhor ainda: Platão, ou o idealismo." (65).

É importante, acrescenta Nietzsche, ver a razão na realidade e não na razão, menos ainda na moral.

"Platão é covarde diante da realidade e por isso se refugia no ideal." (65)

Platão pensa as alturas, dicotomiza assência e aparência, atribuindo à primeira a imutabilidade, a eternidade, a identidade, a perfeição e à segunda mergulhando no devir, na possibilidade de mudança (que significa imperfeição), reconhecendo-a submetida pela sua realidade de cópia à perseguição permanente de um original.

O conhecimento distingue-se da percepção. "A percepção como tal é sem verdade" (3) e atinge as qualidades sensíveis. O conhecimento apreende o inteligível, sua expressão maior é a atividade teórica.

E Nietzsche, o que pensa do ser, da vida, do conhecimento?

Para chegar aĩ, escolhemos um caminho que nos faz passar pelos pre-socráticos, pelos estoicos, por Lucrecio.

(19) O Contato de Nietzsche com os pre-socráticos, já de início o leva a discutir essa denominação de pre, como se Sócrates fosse a grande referência, o grande fundamento. Sócrates enquanto homem teórico, eliminou a tragédia da filosofia, representa a vitória de Apolo sobre Dionysio, ou seja imobilizou tal mascaramento. Sócrates transmite a serenidade do proprietário do conhecimento - verdade, que pretende ter encerrado em conceitos até o que está por vir.

*"Il existe un fantasme profond qui vint au monde, pour la première fois dans la personne de Socrate: la croyance inébranlable que la pensée, en suivant le fil conducteur de la causalité, peut atteindre jusqu'aux abîmes, les plus lointains de l'être et qu'elle est à même non seulement de connaître l'être mais encore de le corriger."*

(58)

O homem teórico se reconhece naquele que rompe as aparências, que desnuda a verdade. Nesse sentido se opõe ao artista que, ao contrário, admite

*"que chaque fois que se dévoile la vérité ne peut jamais que rester suspendu, le regard extasié, à ce que demeure encore de voile après le dévoilement."* (58)

Nietzsche lamenta o caráter fragmentário das obras dos pre-socráticos, o que não o impede de enfatizar o seu valor. A par da sua afinidade com Heráclito, segundo o qual "o ser é uma ficção" e "o mundo das aparências é o único real, o mundo-verdade foi acrescentado pela mentira." (65), e da sua admi-

ração pelo poema de Empédocles e sua irritação contra as falsificações de Demócrito, do contato com esses pensadores, ou tras formulações nietzscheanas podem ser inferidas:

- um critério de avaliação: a história deve conservar a beleza, não a verdade (como pensa Hegel). O valor de uma filosofia não está na esfera do conhecimento, mas na da vida.) E citando Sarah Kofman, que se coloca no lugar de Nietzsche:

*"Les premiers philosophes sont irremplaçables non parce que leurs systèmes sont plus vrais que les systèmes ultérieurs mais parce qu'ils sont plus beaux, à l'image de leurs auteurs. (...) Beauté des premiers philosophes car chacun a su découvrir avec une tonalité et une teinte personnelle une belle possibilité de vie. (...) C'est parce que ces penseurs sont des modèles de possibilité de vie qu'ils sont précieux et qu'il faut les sauver du gouffre de l'oubli."*  
(55)

- um contra-critério: as obras, não podem ser avaliados pelos que vêm depois, numa leitura teleológica da história, mesmo que essas obras de depois tenham mais lógica na sua organização, ou sejam mais sistemáticas, ou tenham mais adeptos.

- e outro contra-critério, quando contrapõe a Darwin e Hegel, na sua ilusão de seleção natural, Goethe -

*"as realidades mais infames são as mais poderosas", e afirma em "a Vontade de Poder":*  
*"Les plus forts, les plus hereux sont faibles dès qu'ils ont contre eux des instincts grégaires organisés, la pleutrerie des faibles, le trop grand nombre"* (62)

2º Uma introdução ao pensamento estoico pode nos tornar Nietzsche mais acessível.

Os estoicos fazem uma primeira reversão platônica. Vejamos: o elemento de pensamento platônico é a idéia, incorporeal e eterna; a seguir pensa os corpos, matéria organizada pelas idéias; depois, registra um outro tipo de matéria, que tem que ser recalçada porque não está regida pelas idéias - é uma matéria tresloucada, perversa, impensável, o simulacro. Mas existe - em "o sofista", Platão afirma - *"que me perdoe meu pai teórico Parmênides, vou cometer um parricídio mas o ser é e o não-ser também é."*

O elemento de pensamento dos estoicos é a matéria recalçada de Platão. É incorporeal e está no tempo. Os corpos produzem a eternidade.

A Idéia em Platão tem limite (é o que é, a diferença é admitida em relação a outra idéia que é o que é), ela define, ela limita e portanto é eterna.

A matéria recalçada não é regida pela Idéia, logo é ilimitada. O objeto de pensamento dos estoicos é ilimitado, não pode ser definido. O ilimitado se expande sempre.

A eternidade de Platão é a identidade e a eternidade dos estoicos é a expansão.

O substantivo comum manifesta a Idéia de Platão, o verbo no gerúndio, a matéria de pensamento dos estoicos. Para estes, tu do está sempre acontecendo e a linguagem é co-extensiva ao tem po, e em Platão é co-extensivo à eternidade.

O acontecimento traz colado um sentido, que é igual para todos nós, mas que é apreendido de modo diferente. São as moda-



lizações do acontecimento.

Entre a Idéia e o acontecimento-sentido existem as seguintes diferenças:

Idéia: eterna, definível, pode dar uma essência, procura predicados necessários;

Sentido: no tempo, indefinível, não pode dar uma essência (sempre no reino da contingência, o verdadeiro de agora pode ser o falso de daqui a pouco), os predicados são históricos, são dados no tempo.

Para o estoico a substância só aparece na relação. Nada existe fora do acontecimento (Para Platão só existe a substância, para a fenomenologia só o mundo da relação. Para os estoicos há substância e relação, indissociados).

Agora, tudo o que acontece, acontece na superfície. É a grande descoberta estoica. A Idéia platônica perde a sua altura, é efeito incorporal da superfície.

A superfície substitui altura e profundidade, e manifesta o sentido. (53)

*"Como nomear a nova operação filosófica en quando ela se opõe ao mesmo tempo à conversão platônica e à subversão pre-socrática? Talvez pela palavra perversão, que convem pelo menos ao sistema de provocações deste novo tipo de filósofos, se é verdade que a perversão implica uma estranha arte das superfícies." (8)*

3p Uma referência a Lucrecio que com Epicuro "começam os verdadeiros atos de nobreza do pluralismo em filosofia" (8), pode também facilitar o acesso a Nietzsche.

A Natureza é pensada como princípio do diverso e da sua produção. Não ha um mundo único ou a possibilidade de uma submissão ao Uno, ao Ser, ao Todo.

*"A natureza não é coletiva, mas distributiva; as leis da Natureza distribuem partes que não se totalizam. A Natureza não é atributiva mas conjuntiva: ela se exprime em "e" e não em "é". Isto e aquilo: alternâncias e entrelaçamentos, semelhanças e diferenças, atrações e distrações, nuances e arrebatamentos." ( 6 )*

Os filósofos do Naturalismo, onde Lucrécio se inclui, afirmam a positividade da Natureza, admitem seres e vazio e vazio nos seres compostos, e enfatizam o pluralismo -

*"nem identidade, nem contradição, mas semelhanças e diferenças, composições e decomposições, conexões, densidades, choques, encontros, movimentos graças aos quais se forma toda coisa." ( 6 )*

Para se entender Nietzsche há de se entender o seu pluralismo essencial. Em todas as coisas há uma coexistência de forças que lutam para dela se apoderar. A cada força corresponde um sentido, então a noção de sentido é complexa - *"uma constelação, um complexo de sucessões, mas também de coexistências." ( 6 )*

Um fenômeno não é uma aparência, é sempre um signo, um sintoma, a filosofia é uma sintomatologia, uma semiologia e as ciências, um sistema sintomatológico e semiológico. A história de uma coisa é o registro das forças que dela se apoderaram e que nela coexistem para dela se apropriar. Segundo Deleuze ( 5 ),

Hegel tentou ridicularizar o pluralismo aproximando-o de uma consciência ingênua, balbuciante, infantil: isto, aquilo, aqui, agora.

A idéia do pluralismo, em que uma coisa é isto e depois aquilo é "a mais alta conquista da filosofia, a conquista do verdadeiro conceito, sua maturidade e não sua renúncia e sua infância." (5)

As coisas são avaliadas a cada momento, e isso é interpretar-

*"a delicada pesagem das coisas e dos sentidos de cada uma, a avaliação das forças que definem a cada instante os aspectos de uma coisa e de suas relações com as outras, tudo isto (ou tudo aquilo)"... (5)*

A noção de essência não se dilui, ela passa a ter um outro significado - a própria coisa não é neutra, ela manifesta maior ou menor afinidade com as forças que se apoderam dela e essa afinidade faz a diferença nos sentidos. Nietzsche fala de uma "força principal." (64)

Interpretar torna-se ainda mais difícil quando se admite que uma força nova sempre se mascara de uma antiga.

*... "dès sa naissance, simplement pour pouvoir subsister, de quelque façon, l'esprit philosophique a dû se déguiser, se cacher sous les types préétablis de l'homme contemplatif, sous les traits du prêtre, du sorcier, du devin, de l'homme religieux tout court." (64)*

A vida imita a matéria para se tornar possível. Uma força que surge aparenta uma outra, contra a qual vai lutar, para também se tornar possível.

A interpretação implica também no rompimento de máscaras, quem se mascara e por que. A interpretação possibilita, então a genealogia - a constatação das forças que se apoderam de uma coisa em determinado momento, o reconhecimento dessas forças, a hierarquia que se estabelece entre elas.

Mas, o objeto, a coisa, não é apenas um palco onde se desenrola a luta das forças, ele é também a expressão de uma força. Toda força, então está em relação essencial com outra força. Ou, é da essência da força estar em relação com outra força. A força só pode ser pensada no plural - dominação ou objeto de dominação.

*"Eis o princípio da filosofia da Natureza em Nietzsche: uma pluralidade de forças agindo e sofrendo à distância, onde a distância é o elemento diferencial compreendido em cada força e pelo qual uma se relaciona com a outra." (5)*

Dessa concepção de força, uma implicando sempre outra, Nietzsche deriva a sua concepção de vontade - "a vontade (vontade de poder) é o elemento diferencial da força." (5)

E a consequência, uma vontade só se exerce sobre outra vontade.

*"La "volonté" ne peut évidemment agir que sur une "volonté" et non pas sur une "matière" (sur des "nerfs" par exemple). Bref nous devons supposer que partout où nous reconnaissons des "effets" nous avons affaire à une volonté agissant sur une volonté, que tout processus mécanique, dans la mesure où il manifeste une énergie, constitue précisément une énergie volontaire, un effet de la volonté." (63)*

E supondo que essa hipótese pode explicar nossa vida instintiva e que se possa referir todas as funções orgânicas a essa vontade de poder, acrescenta Nietzsche, "*nous aurions alors le droit de qualifier toute énergie agissante de volonté de puissance.*" A vontade então, é múltipla, ao contrário do que supunha Schopenhauer, e quando se pretende atribuir-lhe unidade ou identidade, esta é a sua negação.

A multiplicidade, em Nietzsche não implica o dialético, não se reconhece no dialético embora as vezes tenha aparências dialéticas.

As forças que se opõem, que querem dominar não negam as outras ou aquilo que não são - uma força nunca é negativa na essência - ela afirma, fundamentalmente, a sua própria diferença.

O negativo resulta da atividade de uma força, não lhe dá origem, e aí, corresponde a agressividade de uma afirmação.

À negação, oposição, contradição Nietzsche responde com a diferença. A afirmação da diferença é o que se propõe a vontade - nenhuma outra motivação, nenhum outro objetivo, nenhuma outra finalidade.

*"O "sim" de Nietzsche se opõe ao "não" dialético; a leveza, a dança, ao peso dialético; a bela irresponsabilidade, às responsabilidades dialéticas." (5)... "o verdadeiro filósofo (...) arrisca-se continuamente, joga o grande jogo." (63)*

Enfim, "o sentimento empírico da diferença, em suma, a hierarquia é o motor essencial do conceito, mais eficaz e mais profundo do que todo pensamento da contradição." (5)

Nietzsche entende a dialética como a maneira de pensar do escravo. Se o negativo pode ser a motivação de uma força, é por que essa força está esgotada, não pode se afirmar, deixa de agir, só lhe é possível reagir.

*"Alors que toute morale aristocratique naît d'un oui triomphant adressé à soi-même, de prime abord la morale des esclaves dit non à un "dehors", à un "autre", à un "different-de-soi-même", et ce non est son acte créateur. (...)*

*... la morale des esclaves a toujours et avant tout besoin pour prendre naissance d'un monde opposé et extérieur, elle a physiologiquement parlant besoin d'excitations extérieures pour agir - son action est foncièrement une réaction." (64)*

Em Hegel a vontade de poder é compreendida como a sua representação, o seu reconhecimento, portanto é preciso ser representado por outro, reconhecida por outro, implica uma relação dialética.

Em Nietzsche, a vontade de poder é pura afirmação de diferença.

O corpo é também um lugar de pluralidade de forças. Forças sempre em relação de tensão umas com as outras. Como Espinosa, Nietzsche diz que não sabemos de que é capaz um corpo, enquanto discorremos sobre o espírito e a consciência.

Em "A vontade de poder", Nietzsche afirma a modéstia da consciência, a consciência é sempre de um eu em relação a um si superior, que não é consciente. Ela é também, como em Freud, a região do eu afetada pelo mundo exterior, mas o que é mais representativo dela é o seu servilismo ao inconsciente, ela a

testa "a formação de um corpo superior."

Em um corpo as forças dominantes ou ativas são ditas superiores e as dominadas reativas. É próprio do corpo ter forças ativas e reativas - elas decorrem necessariamente da relação múltipla das forças.

As forças então diferem em quantidade, mas também em qualidade, que decorre da sua diferença de quantidade. Em outra passagem, no mesmo texto ele afirma "... querer reduzir todas as qualidades a quantidades é loucura."

E Deleuze (65) explica da seguinte maneira, a relação quantidade-qualidade:

*"O que lhe interessa principalmente |a Nietzsche| é, do ponto de vista da própria quantidade, a irreducibilidade da diferença de quantidade à igualdade. A qualidade distingue-se da quantidade mas somente porque ela é o que há de inigualável na quantidade, de não anulável na diferença de quantidade. A diferença de quantidade é pois, num sentido o elemento irreducível da quantidade, num outro sentido, o elemento irreducível à própria quantidade."*

As forças ativas são aquelas onde a vontade faz com que afirmem, e afirmem a sua própria diferença.

As forças negativas opoem-se ao que não são: nelas a negação tem prioridade, é pela negação que atingem uma aparência de afirmação. (4) Afirmação e negação referem-se a vontade de poder, ativo e reativo às forças.

As forças inferiores que se definem como reativas não perdem nenhuma quantidade de força, asseguram determinadas funções e

desempenham as tarefas de conservação, adaptação, utilidade .

O que pode acontecer, dadas duas forças, uma superior e outra inferior?

- a força ativa dispõe do poder de agir
- a força reativa com poder de obedecer, de ser acionada
- a força reativa com poder de cindir, de separar
- a força ativa tornada reativa, poder de ser cindida .

Então, é desanimante, a força reativa pode separar a ativa do que ela pode, tornando-a reativa.

A vontade de poder é qualificada, nesse caso, pela negação e manifesta-se como niilismo ou vontade de nada.

As forças reativas se manifestam através de nuances conforme seu grau de afinidade com a vontade de nada:

- uma força reativa que obedece e resiste
- uma força reativa que separa a força ativa do que ela pode
- uma força reativa que contamina a força ativa, arrastando-a até o fim do devir reativo
- uma força reativa que foi inicialmente ativa, mas que se tornou reativa, separada do seu poder, voltando-se contra si mesma (5)

*"Preciso dizer que tenho experiência em todas as questões que dizem respeito à decadência?" (66)*

Estranho nos parece, e também a Nietzsche, que por tanto tempo, em tantos lugares, as forças reativas venham triunfando. A própria vida se conforma à adaptação, reduz-se ao que tem de secundário - sobreviver. Esquece o agir e o criar.



A vitória das forças reativas, da negação é o que, Nietzsche chama niilismo, triunfo dos escravos, cuja estratégia é separar o forte daquilo que ele pode, é contagiar com a negação. Isso é "degenerescência". Várias vezes Nietzsche afirma a necessidade de defender os fortes contra os fracos.

Quando o niilismo triunfa a vontade de poder deixa de se manifestar como afirmação da diferença, como criação, ela se manifesta precisamente da forma como o escravo ou o impotente concebem o poder - no desejo de ter o poder, de que lhe sejam atribuídos valores de reconhecimento de poder - dinheiro, honras, etc.

No caso do homem as etapas do niilismo, que correspondem ao estabelecimento de uma tipologia, resultado de uma exploração da psicologia, são as seguintes:

1º O ressentimento, uma recriminação projetiva - "*é por sua causa que sou fraco e infeliz*".

Não basta uma reação para fazer um ressentimento. Ele é efeito de uma falta de ação, as forças reativas deixam de ser acionadas e assim, preponderam sobre as forças ativas.

Como isso acontece?

Nietzsche faz uma hipótese muito parecida com a da primeira tópica freudiana. Distingue dois sistemas do aparelho reativo: a consciência e o inconsciente.

O inconsciente reativo é o lugar dos traços das marcas indelévels. Esse sistema, evidentemente, é insuficiente para a adaptação do aparelho, pois ele ficaria só repetindo uma reação aos traços. Um segundo sistema torna-o sensível, reativo à excitação presente ou da imagem do objeto. Esse sistema é forma

do por forças que constituem a consciência, sempre receptiva às coisas novas. É preciso que os dois sistemas se mantenham separados tarefa desempenhada por uma força ativa, (mas uma atividade apenas funcional), a faculdade do esquecimento (erroneamente desvalorizada pela psicologia, segundo Nietzsche).

*"É então que a reação torna-se algo acionada, porque toma como objeto a excitação na consciência, e que a reação aos traços permanece no inconsciente como algo insensível." (5) (62)*

Mas, a faculdade do esquecimento pode falhar, os dois sistemas se misturam, a reação aos traços torna-se sensível e a reação a excitação deixa de ser acionada.

Tudo se passa entre as forças reativas, o que não deixa de ter consequências para toda a atividade.

Dessa topologia decorre um tipo - o homem do ressentimento que só investe nos traços, e tem uma prodigiosa memória.

*"... l'homme du ressentiment n'est ni franc, ni naïf, ni honnête et sincère envers lui-même. Son âme louche, son esprit aime les repaires, les détours et les portes dérobées, tout ce qui est dissimulé de nature le touche comme son monde à lui, sa sécurité, son réconfort; quant à se taire, à ne pas oublier, à patienter, à se faire momentanément petit, à s'humilier, il s'y entend à merveille." (64)*

Por que o ressentimento se manifesta como espírito de vingança?

Em última análise porque qualquer objeto é investido pelo homem do ressentimento como o causador de sua impotência em in

vestir alguma coisa diferente do traço.

O ressentimento é o triunfo do fraco enquanto fraco, da moral utilitária do escravo.

O homem do ressentimento não pode amar, admirar, respeitar, é o homem do lucro e do proveito, é um acusador permanente - "tu es mau, eu sou bom."

29 A má consciência, momento de introjeção: "é minha a culpa, é meu o erro."

A origem da má consciencia: Nietzsche recorre a uma analogia com os animais aquáticos que foram obrigados a viver em terra ou morrer. Assim também os homens, semi-animais adaptados à guerra, à vida nômade, à aventura, de repente, seus instintos mais utilizados passam a uma sub-utilização, e eles têm que viver num mundo novo, desajeitadamente, meio sem referências-

*"ils en étaient réduits, ces infortunés, à penser, à conclure, à calculer, à combiner des causes et des effets; ils en étaient réduits à leur "conscience", à leur organe le plus misérable et le plus sujet à l'erreur!" (84)*

Os instintos continuam a exigir, o homem dificilmente pode satisfazê-los. Como não podem ser liberados, o homem volta-os para dentro - é a interiorização.

Primeiro o Estado, depois o sacerdote vão desenvolver uma intensa pressão nesse sentido.

O Estado, para se defender dos instintos de liberdade desse homem selvagem, nômade, cria mecanismos que providenciam para que tais instintos se voltem contra o próprio homem.

"L'homme qui, manquant d'ennemis extérieurs et de résistances, pris dans l'étroitesse opprimente et la régularité des mœurs, se déchirait, se persécutait, se rongait, se harcelait, se maltraitait, impatientement lui-même, cet animal que l'on veut "apprivoiser" et qui se blesse aux barreaux de sa cage, cet être privé de tout et consumé par la nostagie du désert, qui a dû faire de lui-même une aventure, une chambre de torture, une contrée sauvage et dangereuse - ce fou, ce prisonnier plein de désirs et de désespoirs devint l'inventeur de la "mauvaise conscience." (64) E com ela, acrescenta Nietzsche a doença mais grave, de que a humanidade ainda sofre - "l'homme souffrant de l'homme de soi-même..."

Quanto ao sacerdote, ele vai mudar a direção do ressentimento - à queixa: "eu sofro, alguém tem culpa", ele responde:

"Tu as raison, ma brebis, quelqu'un doit en être coupable: mais c'est toi-même et toi seulement qui en es coupable." (64)

A prática sacerdotal relaciona dor-castigo-pecado-culpa.

39 O ideal ascético, sublimação. O que vale na vida é a sua negação - a vontade de poder é vontade de nada. O ideal só se desenvolve num terreno composto pela dívida, culpa e responsabilidade.

"O poder do socratismo e do cristianismo está centrado num mesmo modo de produção: opor não só um mundo ideal à interpretação unitária dos senhores, mas, além disso, conferir, nessa oposição, um papel repressivo

ao ideal. Com o Grande Outro fabricado pelos escravos, as pulsões inocentes dos nobres são combatidas. O Deus cristão envenena, dis semina a má consciência.

Ao corpus interpretativo nobre opõe-se a produção do ideal. É o reino da metafísica e da moral." ... (56)

É sobretudo contra o padre que intervem na propagação des se ideal, que Nietzsche investe.

O sacerdote se interessa sobretudo pelos doentes e pelos fracos.

Há de defender o seu rebanho. E contra quem?

*"Contre les bien portants, il n'y aucun doute, et aussi contre l'envie qu'inspirent les bien portants; il lui faut être l'adversaire et le contempteur naturel de toute santé et de toute puissance, de tout ce que est rude, sauvage, débridé, dur et violent, comme le sont les bêtes de proie."* (64)

*... "Le plus grand coup que le prêtre ascétique ait tenté pour faire retentir l'âme humaine des musiques les plus déchirantes et les plus ravies s'est accompli - chacun sait cela, lorsqu'il a su tirer parti du sentiment de culpabilité."* (64)

4) A morte de Deus, momento de recuperação, mas não suficiente.

Essa morte aparece durante algum tempo como um drama intra-religioso entre o Deus judeu e o Deus Cristão - não se sabe muito bem se é o Filho que morre por ressentimento do Pai, ou se o Pai que morre para dar independência ao Filho.

Mas S. Paulo diz que Cristo morreu por nossos pecados. Somos então os assassinos desse Deus - o homem passa a carregar este pe

so, e quer tornar-se êle próprio Deus. ( 4)

Mas a mesma vida reativa continua - a submissão aos valores, de divinos a humanos.

É instalado o tempo dos "homens superiores", que precisam ainda adorar alguma coisa, mesmo que seja um burro, como em Zarathustra (61)

*"Se ele ainda vive, ou se ressucitou, ou se morreu realmente, qual de nós o sabe melhor?"*

Ou, que ensaiam uma relação mais efetiva com a terra:

*"Nós, porém não desejamos entrar no reino dos céus; tornamo-nos homens: por isso mesmo desejamos o reino da terra" (61)*

#### 59 O último homem e o homem que quer morrer

O homem se pretende substituto de Deus, mas continua mergulhado na conformidade dos valores estabelecidos. Não se descobre como Deus, substitui Deus e mantém os mesmos mecanismos anteriores da sustentação divina. Até que as forças reativas pretendem passar sem a "vontade", investem mais profundamente no nada, no desaparecimento dos valores. Surge o último homem, cuja vontade de nada volta-se contra as forças reativas, insinuando no homem o desejo de se destruir. Surge o homem que quer morrer, auge do niilismo. Tudo está pronto para uma transmutação. ( 4)

VII - NIETZSCHEa) O martelo fala (\*)

- "Por que és tão duro? - perguntou um dia ao diamante o carvão comum. - Não somos parentes próximos?

- Por que sois tão brandos? Pergunto-vos eu, meus irmãos: então não sois meus irmãos?

Por que sois tão moles, tão importunos, tão frouxos? Por que há tanta renúncia, tanta abdicação em vossos corações? Tão pouco intuito no vosso olhar?

E se não desejais ser destinos, se não desejais ser inflexíveis, como podereis um dia vencer comigo?

E se vossa dureza não quer brilhar e cortar e produzir incisões: como poderão um dia criar comigo?

Porque todos os criadores são duros. E devia vos parecer ventura imprimir a vossa mão em séculos como em cera mole, e escrever sobre a vontade de milenários como sobre bronze - mais rijos que o bronze, mais nobres que o bronze. - E o mais duro é mais nobre.

Meus irmãos, eu coloco sobre vós esta nova tábua: Tornai-vos duros!" (61)

O martelo para Nietzsche tem dois sentidos - de destruição e de criação.

O martelo pretende surpreender o segredo dos ídolos, mas também possibilitar o filósofo do futuro - aquele cujo conhecer

---

(\*) O texto que se segue aparece em Crepúsculo dos ídolos, mas extraído com algumas modificações de "Assim falava Zarathustra". Preferimos a versão de Zarathustra, mantendo pequenas modificações.

equivale a criar, legislar, dominar. "Existem na atualidade tais filósofos? [...] Não é talvez necessário que existam tais filósofos?" (63)

Nietzsche se propõe a desmascarar os valores estabelecidos pela filosofia, pela religião, pela moral, até pela arte e depois pela ciência, e para isso utiliza como que um método para interpretar signos. As ideias não são, em princípio, "verdades" ou "falsidades", elas são sintomas.

Religião, metafísica e arte são as primeiras a serem julgadas (depois de "O nascimento da tragédia"). A ciência até então considerada inferior, desempenha o papel de juiz, o processo, é uma análise e um levantamento da história. A análise consiste em decompor um fenômeno aparentemente simples, nos vários aspectos que o compõem, em trazer à tona suas várias máscaras (o que não impede de outras se constituírem). Desprezando os fatos eternos e as verdades absolutas, cada coisa é entendida como resultado de um processo histórico, e é nesse sentido que Nietzsche entende a ciência, neste momento, no sentido de crítica. Nessa crítica Nietzsche se utiliza também da psicologia.

#### A metafísica -

"on peut la désigner comme la science qui traite des erreurs fondamentales de l'homme, mais cela comme si c'étaient des vérités fondamentales" (59); a religião "ni médiatement ni immédiatement, ni en dogme ni en parabole", contém "une vérité" (59), ela é um "amalgame de pauvreté d'esprit, de méchant savoir, de santé gâtée, de nerfs exaspérés." (59); a ar-



te, "ils [les artistes] sont les glorificateurs des erreurs religieuses et philosophiques de l'humanité, et ils n'auraient pu être sans la foi en leur vérité absolue." (59)

A coisa em si não existe. A metafísica que nos promete a revelação além da aparência, e a existência de um Deus, estas são as superstições humanas.

Os costumes são as experiências dos homens anteriores e suas conclusões sobre o que eles consideram útil e nocivo -

*"mais le sentiment des moeurs (de la moralité) ne se rapporte pas à ces expériences en tant que telles, mais à l'antiquité, à la sainteté, à l'indiscutibilité des moeurs. Voilà pourquoi ce sentiment s'oppose à ce que l'on fasse des expériences nouvelles et à ce que l'on corrige les moeurs: ce qui veut dire que la moralité s'oppose à la formation des moeurs nouvelles et meilleures: elle abêtit." (60)*

Nietzsche questiona aquilo que, em nós, aspira a verdade - "nous nous interrogeons sur la valeur de ce vouloir" (64); desacredita o "instinto de conhecimento" como pai da filosofia; e afirma que a moral é uma tirania que se exerce contra a natureza e contra a razão.

E, em boa hora, segundo êle, aprendeu a distinguir o preconceito teológico do preconceito moral e deixou de procurar a origem do mal "derrière le monde."

Da sua dedicação ao desmascaramento, da sua perseguição aos ídolos, na instrumentação do seu martelo, por assim

dizer, surge uma nova exigência: "*nous avons besoin d'une critique des valeurs morales, il faut commencer par mettre en question la valeur même de ces valeurs.*" (64). Essa exigência nos remete ao projeto mais geral da filosofia nietzscheana, a introdução dos conceitos de sentido e valor, tornado possível pelo exercício de uma nova genealogia.

É necessário então referir todas as coisas e toda origem de alguma coisa a valores, mas também referir esses valores à sua origem, ao que decidiu sobre o seu valor (5)

*"Genealogia quer dizer ao mesmo tempo valor da origem e origem dos valores. Genealogia se opõe ao caráter absoluto dos valores tanto quanto a seu caráter relativo ou utilitário. Genealogia significa o elemento diferencial dos valores do qual decorre o valor destes."* (5)

O elemento diferencial é também, simultaneamente, elemento de criação, a crítica então é uma ação, não uma reação. É a agressividade e o ataque postos a serviço da vida

*"Esta maneira de ser é a do filósofo porque ele se propõe precisamente a manejar o elemento diferencial como crítico e criador, portanto como um martelo."* (5)

*"Que? gritei com curiosidade. - Quem? deverias perguntar! Assim falou Dionísio" [...]\**

*... "qui donc est-ce qui interprète? C'est l'interprétation elle-même, forme de la volonté de puissance, qui existe (non comme un "être" mais comme un processus, un devenir), en tant que passion."* (62)

\* Citação feita por Deleuze, em Nietzsche e a Filosofia, (5), cuja referência é a seguinte: VS, projeto de prefácio, 10 (trad. Albert, II, p. 226)

b) Dionísio, o dançarino da vida

*"Considera-se livre? Quero que me diga o seu pensamento fundamental, e não que se livrou de um jogo.*

*[...] Livre de que? Que importa isso a Zaratustra? O seu olhar, porém deve anunciar-se claramente: livre, para que?" (61)*

Depois da morte de Deus o homem se assombra em perplexidade. Há como um momento de nada - a ilusão é perdida: a metafísica, a religião, a moral. E o que existe? O homem tenta erigir novos ídolos - ainda não se descobriu como fruidor da vida, vontade de potência, afirmação múltipla.

*"-O que se passou, pois? Chegamos ao sentimento do não valor da existência quando compreendemos que ela não se pode interpretar no seu conjunto nem com a ajuda do conceito de "fim", nem com a ajuda do conceito de "unidade", nem com a ajuda do conceito de "verdade". Não se chega a nada, não se atinge nada no gênero; a unidade global faz falta na pluralidade do devir: o caráter da existência não é ser "verdade", mas ser falso ... já não há mais qualquer razão para nos persuadirmos de que existe um mundo verdadeiro... Em suma, as categorias de "fim", de "unidade", de "ser", graças as quais demos um valor ao mundo, nós retiramo-lhes - e o mundo parece ter perdido todo o valor ... (62)*

Embora de forma não imediata a morte de Deus é responsável pela transmutação que dá à luz o super-homem, possibilita a essência afirmativa da vontade de poder e a "fórmula su-

prema da afirmação, o eterno retorno." (66)

A transmutação é um momento definitivo - a partir dali o negativo estará a serviço de uma afirmação superior. O caráter de jogo e de risco, inerentes a natureza humana tornam-se manifestos.

A metamorfose do homem em super-homem não é uma mutação do tipo biológico.

*"Cette mutation est une métamorphose de la liberté finie, son affranchissement de l'aliénation et la manifestation de son caractère ludique." (7)*

*"A criança é a inocência, e o esquecimento, um novo começar, um brinquedo |um jeu|, uma roda que gira sobre si, uma afirmação sagrada" (61)*

O jogo, o brinquedo é a metáfora que Nietzsche utiliza para exprimir a liberdade de criação do homem novo.

As três metamorfoses do espírito anunciadas na primeira parte de Assim falava Zaratustra - o camelo, o leão, a criança - descrevem o percurso do homem que se livra de Deus e atinge a sua autonomia:

*"Há algo que seja pesado? - pergunta o espírito sólido. E ajoelha-se como o camelo e quer que lhe dêem uma boa carga. Que há de mais pesado, herois - pergunta o espírito sólido - a fim de eu o deitar sobre mim, para que minhas forças se deleitem?"*

*]|...| O espírito sadio sobrecarrega-se de todas estas coisas pesadíssimas; e, à semelhança do camelo que corre carregado pelo deserto, assim ele corre pelo seu deserto." (61)*

Este é o homem submisso ao peso da vida. Está conforme

os valores estabelecidos e responde permanentemente a uma ordem: "Tu deves."

... "porém o espírito do leão diz: "Eu quero"

Todos os valores já foram criados, e eu sou todos eles. Para o futuro não deverá existir o "eu quero"! Assim disse o dragão.

Meus irmãos, que falta faz o leão no espírito? Não bastará a besta de carga que renuncia e cultua?

Criar novos valores é coisa que o leão ainda não consegue; contudo criar uma nova liberdade para a nova criação, isso o consegue o poder do leão." (61)

O leão é o questionador dos valores estabelecidos, da transcendência. Ele luta contra a moral idealista. E toma consciência de sua alienação anterior. Ele recusa, ele diz não ao dever imposto pelo dragão.

"Digam-me, porém, irmãos: que poderá a criança fazer que não haja conseguido fazer o leão? Para que será indispensável que o altivo leão se transforme em criança?" (61)

A criança, sua inocência, seu senso lúdico exprimem o raiar do super-homem, quando a liberdade se desdobra no imprevisível e se faz criadora.

"Eu lhes anuncio o super-homem.

O homem é superável. Que fizeram para superá-lo?

Até a presente data todos os seres apresentaram algo superior a si mesmos; e vocês que rem o reflexo desse grande fluxo, preferem tornar ao animal ao invés de suplantar o homem?

*Que significa o macaco para o homem? Uma mo-  
fa ou uma dolorosa vergonha. Pois é o mesmo  
que deve ser o homem para o super-homem: u-  
ma zombaria ou uma dolorosa vergonha.*

*]...| Eu lhes anuncio o super-homem.*

*O super-homem é o bom senso da terra. Dêgam  
as suas vontades: seja o super-homem a ra-  
zão da terra.*

*Suplico-lhes meus irmãos, a permanecer fieis  
a terra e a não dar crédito àqueles que lhes  
falam de anseios supraterrrestres.*

*São pervertedores, quer o saibam ou não*

*São depreciadores da vida, moribundos que,  
por sua vez, estão envenenados, seres dos  
quais a terra se encontra entediada; vão-se  
por uma vez para sempre!" (61)*

A transmutação ou transvolução é possível ao super-ho-  
mem, ele cria novos valores, mas não é prisioneiro da dialéti-  
ca. (\*)

O super-homem é diferente do homem - uma nova maneira de sen-  
tir, de pensar de avaliar. Com o super-homem há uma inversão  
na relação de forças. A vontade de poder deriva da afirmação  
e só a afirmação subsiste, o negativo subordina-se a afirma-  
ção. A afirmação é ser.

O advento do super-homem é indissociável da referência  
terra. Onde a humanidade colocava Deus, lá está a terra. Não

---

(\*) Segundo Deleuze, em Nietzsche e a Filosofia, a obra nietz-  
scheana investe contra a dialética de tres maneiras: esta desco-  
nhece o sentido porque ignora a natureza das forças que se a-  
propriam concretamente dos fenômenos; desconhece a essência  
porque ignora o elemento real do qual derivam as forças, suas  
qualidades e reações; desconhece a mudança e a transformação  
porque se limita a operar permutações entre termos abstratos e  
irreais.

como um novo ídolo ou uma nova divindade. A terra é a direção da liberdade e o seu fundamento, é de onde nascem todas as coisas. A terra é tudo que é contrário ao idealismo, à transcendência. Ela cura o homem do seu hibridismo: *"Mesmo o mais erudito de vocês nada mais é do que uma mistura híbrida de planta e de fantasma."* (61) Ela rompe a oposição corpo e alma e elimina a fissura que dividia o homem e o tornava inimigo de si mesmo.

*"Em outras eras blasfemar contra Deus era o maior dos absurdos; porém Deus morreu e morreram com ele tais blasfêmias. Agora o que causa mais espanto é blasfemar contra a terra, é ter em mira as entranhas do impenetrável e não a razão da terra."* (61)

A terra é a vida.

A afirmação é o mais alto poder da vontade. E é a vida que é afirmada. E a cada momento a vida se manifesta aos olhos do homem-criador. *"E a própria vida me confiou este segredo: 'Olhe - disse - eu sou o que deve ser superior a si mesmo.'"* (61)

A afirmação é múltipla, a vida é múltipla.

Isso implica entender o ser, o verdadeiro, o real, como fundamentos do niilismo, recursos para negar a vida, torna-la fardo, conservar o homem.

A afirmação daquilo que é, é uma falsa afirmação - nada mais do que o I-A do burro, em Zaratustra.

O fim do niilismo faz apontar o múltiplo e o devir, restituiu-lhes a inocência, eleva-os ao mais alto poder tornando-os objeto de uma afirmação.

"E, na afirmação do múltiplo, há a alegria prática do diverso. A alegria surge como o único móbil para filosofar." (4)

Além disso, afirmados como afirmações, o múltiplo e o devir, entende-se que na afirmação bem compreendida há como um jogo de espelhos - desdobramento, a dupla divina Dionísio - Ariana.

E, inversão nietzschiana, já não se opõe ser-devir uno-múltiplo, o uno é dito do múltiplo, o ser do devir.

Afirma-se o acaso, Dionísio é jogador. Dessa afirmação surge o número necessário, que reconduz o lançamento de dados.

É o jogo do Eterno Retorno.

"Retornar é precisamente o ser do devir, o uno do múltiplo, a necessidade do acaso." (4)

Aqui fazemos um pequeno parêntesis para falar da dificuldade desse tema em Nietzsche: falta-lhe sistematização como em toda obra, o que aliás não é efeito do acaso

*("je me méfie de tous les systématiques et je les évite. La volonté du système est, pour un penseur tout au moins, quelque chose qui compromet, une forme d'immoralité."*  
(67);

os conceitos de eternidade, de repetição, de tempo são ambíguos e opacos; e, segundo Fink (7) a sua dificuldade em desenvolver conceitualmente a doutrina do eterno retorno não é mais do que a insuficiência da tradição filosófica do seu tempo.

Deleuze (5) afirma que aos textos falta ainda análise, e que eles só serão elucidados a partir dos seguintes pontos: a relação entre as qualidades da vontade de poder, afirmação e negação; a relação da vontade de poder com o eterno retorno; a



possibilidade da transmutação e sua consequência, uma nova maneira de ser do homem.

O eterno retorno é a idéia fundamental de Zaratustra, segundo o próprio Nietzsche (66), mas é uma idéia difícil. Quando ele fala do super-homem se dirige a "todo mundo", quando fala da vontade de poder se dirige a "um pequeno número", e quando fala do eterno retorno é como se falasse para si mesmo. (7)

*"La possibilité du surhomme se fonde sur la mort de Dieu, celle-ci se fonde sur l'intuition de la volonté de puissance, et cette dernière sur le cours du temps.*

*[...] Peut-être se détache-t-il le plus de la tradition métaphisique par le fait qu'il passe de la pensée de l'étant intra-mondain à la pensée du vaste monde englobant. [...] ... il remonte à la totalité universelle. Et la totalité universelle, il la pense par la pensée de l'éternel retour du pareil."*  
(7)

O eterno retorno surgiu para Nietzsche como uma revelação, num primeiro momento assustadora, que ele podia contar como um segredo, como Zaratustra à vida:

*"Assim é - respondi tartamudeando; - mas você também sabe... E segredai-lhe algo ao ouvido, colado à sua emaranhada cabeleira, às suas douradas e revoltas madeixas. Você sabe isso, Zaratustra? Ninguém sabe disso"... (7)*

Na intuição do primeiro momento, parece que é o mesmo que se repete, numa multiplicação de espelhos - uma multiplicação infinita de "soi-même" e de sua própria vida. É um refrão - esta vida, você a viverá ainda uma vez, e inumeráveis

vezes.

{...} "Olhe para este p<sup>o</sup>rtico! Tem duas sa<sup>í</sup>das.

Aqui se cruzam dois caminhos: ninguem ainda os seguiu até o fim.

Esta rua larga que desce dura uma eternidade ... e essa outra rua longa que sobe ... é outra eternidade ...

Estes caminhos são opostos um ao outro, e encontram-se aqui neste p<sup>o</sup>rtico. O nome deste está escrito em cima; chama-se "instante." "(61)

Aqui ainda é "le moi individuel" que vai e volta, idêntico a si mesmo, capaz de intuir a estrutura circular do tempo eterno.

O segundo momento traz o desdobraimento da revelação do "círculo vicioso", exaltante e terrível - a necessidade do indivíduo reviver numa série de individualidades diferentes - é preciso querer ser outro para ser o que se é. A experiência da própria identidade é que pode gerar a lucidez capaz de conceber o ultrapassamento da própria identidade, da sua perda.

O super-homem torna-se o sujeito da vontade de poder, ao mesmo tempo sentido e fim do eterno retorno. A vontade de poder é uma denominação humanizada da essência do "círculo vicioso", ela é pura intensidade sem intenção. (54)

Nenhuma individualidade seria capaz de esgotar toda a riqueza de diferenciação de uma existência, o que explica a pré e pós existência. Elas representam "o excedente" na economia do "círculo vicioso." (54)

Diz Nietzsche: "Que nous puissions supporter notre im-

mortalité - ce serair là la chose suprême."

Mas essa imortalidade não é individual - o eterno retorno suprime as identidades duráveis, é necessário que se aceite "*la dissolution de son âme fortuite pour en recevoir une autre fortuite.*"

(54)

Ainda para afirmar o eterno retorno Nietzsche lança mão do conceito de constância da matéria que se mantém pelo desaparecimento e pelo nascimento, também da falta de equilíbrio do universo, que implica a crítica da possibilidade de um estado final, terminal, e a afirmação da impossibilidade do equilíbrio de forças e da perpetuação do devir.

*"puisque la position d'équilibre n'a jamais été atteinte, c'est que'elle ne pouvait être."* (62)

*"Qu'on veuille bien, pour une fois, remonter en arrière. Si l'univers avait un but, ce but devrait être atteint. S'il y avait pour lui un état terminal, il devrait de même l'avoir atteint. S'il était capable de permanence et de fixité, et s'il avait dans tout son cours un seul instant d'"être", au sens strict, il ne pourrait plus y avoir de devenir, donc on ne pourrait plus penser ni observer un devenir quelconque."*

(62)

Nietzsche afirma que esse é um pensamento que ele encontrou na antiguidade, mas interpretado como devir = o que não pôde começar, o que não pôde acabar de tornar-se, associado a crime e castigo.

O devir é o que existe, e qual é o ser do que devem? Voltar, é o ser do que devem. O eterno retorno é a resposta para o problema da passagem. O instante que passa não poderia

passar se não fosse passado e presente ao mesmo tempo, e o que está por vir também não viria se já não fosse presente. Para que o instante passe ele precisa ser presente e passado, presente e futuro. (5)

No segundo momento, Nietzsche fala do eterno retorno como seletivo. Duplamente seletivo:

- enquanto pensamento ético, eliminando os semi-quereres e o "uma vez nunca mais" - todas as coisas devem ser requeridas. O re-querer é uma força ativa, é potência da afirmação

- enquanto ser, só volta a afirmação, o niilismo torna-se completo porque faz da negação uma negação das próprias forças reativas.

Está inaugurando o tempo de Dionísio - a vida torna-se leve, a alegria é sempre maior que o sofrimento, a euforia se manifesta na agilidade dos pés do dançarino.

O mundo como que despojado dos seus fantasmas, dos seus recalques, entrega-se ao devir.

*"Vale a pena viver na Terra: um dia e uma festa em companhia de Zarathustra me ensinaram a gostar da terra.*

*Era isto a vida? - perguntei à morte.*

*Pois hem: repita-se." (61)*

É a vida, na sua plena afirmação.

VIII - PORQUE FREUD E NIETZSCHE

*"Il y a mille sentiers qui n'ont jamais été suivis, mille santés et mille terres cachées de la vie. Ni l'homme, ni la terre des hommes n'ont encore été épuisés et découverts."*  
(Zaratustra)

E é isso - existem milhares de caminhos que ainda não foram explorados. Existem milhares de segredos a serem desvelados.

Por que a estabilidade, a repetição, a permanência, a conservação?

Por que a virtude-freio, a virtude-herança, a falta de perguntas, a submissão, o I-A IA do burro em Zaratustra?

À medida que os temas eram desenvolvidos, nossa proposta ia se tornando mais clara:

1 a sugestão de uma genealogia da psicanálise, ou seja:

Primeiro, o reconhecimento das forças que nela interagem, e a sua hierarquia. Isso, implicando já um acordo com a inversão do platonismo, promovida por Nietzsche - a desconfiança da verdade, o questionamento do valor, a negação do dogma, a adesão ao múltiplo, a aposta no devir.

Segundo, a ampliação dessa pesquisa, e novas perguntas: quem são os pretendentes na psicanálise, qual sua clientela, quais seus objetivos, a que ou a quem servem, quem os avalia?

2 o apontamento de um recalque, por assim dizer, o fa-

tor político emergindo no enunciado científico e a consequente possibilidade de pensar outros tipos de inconsciente, que não só o reconhecido a partir do romance familiar;

3 finalmente, a promoção de uma atitude de alerta, a terceira orelha, como diz Nietzsche, que põe a sensibilidade a serviço da diferença, que perscruta o acontecimento desconfiando da verdade de ontem.

É de Nietzsche a denúncia;

*"Um código não relata jamais a utilidade, os fundamentos, a casuística na pré-história de uma lei; perder-se-ia com isso o benefício do tom imperativo, o "deves", que permite se fazer obedecer"...*

É de Nietzsche em Zarathustra a proposta:

*"Eu me transformo muito depressa: o meu hoje contradiz o meu ontem. Pulo degraus, frequentemente quando subo, coisa que os degraus não me perdoam."*

Cumpramos ressaltar que a psicanálise, objeto de estudo desse trabalho, é um dos temas, é uma entre outras das situações passível de crítica, nas relações do mundo capitalista. Não se há de esquecer, por exemplo, os projetos de educação nas escolas e creches, o falocentrismo da relação marido-mulher no esquema conjugal, a interpretação da sexualidade, e daí por diante.

E cumpramos dizer também que a escolha da psicanálise como objeto de estudo e de crítica, decorre da nossa convicção de que ela não deve desaparecer, ainda.

E qual a psicanálise que não deve desaparecer? A que permite a libertação e não a domesticação do desejo, a que possibilita o acesso às regiões do não-dito e a sua explosão em criatividade e modificações, a que pode ampliar sua compreensão do inconsciente, tão resguardado contra uma inserção social.

Parece-nos que o roteiro de Freud, de 1a. para a 2a. tópica, conclui por um inconsciente definido pelo negativo-aquele que não tem as qualidades da consciência, além da ampliação do processo secundário.

*"A psicanálise não escapou dessa perversão do mundo normal"*

(52)

Alguma alternativa tem surgido, Guattari é uma delas.

*"A criança não vive dentro de um mundo fechado que seria o da família. A família é permeável a todas as forças circundantes, a todas as influências do campo social. Os Equipamentos Coletivos, os meios de comunicação, a publicidade, não param de interferir nos níveis mais íntimos da vida subjetiva. O inconsciente, insisto, não é algo que se encontra unicamente em si próprio, uma espécie de universo secreto. É um nó de interações maquínicas através do qual somos articulados a todos os sistemas de potência e a todas as formações de poder que nos cercam.*

*(...) As reduções familialistas do inconsciente, a que estão habituados os psicanalistas, não são "erros". Correspondem a um certo tipo de agenciamento coletivo de enunciação. Procedem de uma micro política particular relativa ao inconsciente. A mesma que*

*preside a uma certa organização capitalística da sociedade." (52)*

- Acrescentando uma abordagem nietzscheana dos três usos do sentido da história, que se opõe à platônica.

*- "Um é o uso paródico e destruidor da realidade que se opõe ao tema da história-remi-  
niscência, reconhecimento; outro é o uso  
dissociativo e destruidor da identidade que  
se opõe a história-continuidade ou tradição;  
o terceiro é o uso sacrificial e destruidor  
da verdade que se opõe à história-conheci-  
mento" (9)*

- Acrescentando ainda a simultaneidade da constituição da fé e do Estado, a separação que possibilita tal instituição - o palácio e a aldeia - e a inoculação da dívida e da falta, que o mantém;

concluimos, porque nos parece já ter muito em que pensar.

A expectativa é de que o homem possa se definir de uma forma mais conjuntiva trocando o é pelo e, que seu pensamento seja mais nômade, mais plural em deslocamentos, que as suas estratégias desconcertem, cada vez, os aparelhos de captura e que, cada dia, possa se reconhecer, no seu diálogo com a vida, nas palavras de Dionísio a Ariana: "Eu sou teu labirinto."



IX. - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

01. ASSOUN, P. L. - FREUD ET NIETZSCHE - Presses Universitaires de France, Paris, 1980.
02. BAND, A. - UM EXAME CRÍTICO DO CONCEITO FREUDIANO DE INSTINTO DE MORTE - Tese apresentada na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1978.
03. CHÂTELET, F. - "PLATÃO" em CHÂTELET, F. (org.) HISTÓRIA DA FILOSOFIA, IDEIAS, DOCTRINAS - Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1981, Vol. 1.
04. DELEUSE, G. - NIETZSCHE - Edições 70, Lisboa.
05. \_\_\_\_\_ - NIETZSCHE E A FILOSOFIA - Editora Rio, Rio, 1976.
06. \_\_\_\_\_ - LÓGICA DO SENTIDO, Editora Perspectiva S.A., São Paulo, 1982.
07. FINK, E - LA PHILOSOPHIE DE NIETZSCHE - Les Editions de Minuit, Paris, 1965.
08. FOUCAULT, M. - NIETZSCHE, FREUD E MARX . THEATRUM PHILOSOFICUM - Anagrama, Porto.
09. \_\_\_\_\_ - MICROFÍSICA DO PODER - Graal, Rio de Janeiro, 1979.
10. FREUD, S. - "SOBRE O MECANISMO PSÍQUICO DOS FENÔMENOS HISTÉRICOS" (1893) - em Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Imago Editora, Rio de Janeiro, 1974, vol. II.

11. \_\_\_\_\_ "AS NEUROPSICOSES DE DEFESA" (1894) - em Edição Standard Brasileira, Imago Editora, Rio de Janeiro, 1976, Vol. III.
12. \_\_\_\_\_ "SOBRE OS CRITÉRIOS PARA DESTACAR DA NEURASTENIA UMA SÍNDROME PARTICULAR INTITULADA NEUROSE DE ANGÚSTIA" (1895) - em Edição Standard Brasileira, Imago Editora, Rio de Janeiro, 1976, Vol. III.
13. \_\_\_\_\_ "PROJETO PARA UMA PSICOLOGIA CIENTÍFICA" (1895) - em Edição Standard Brasileira, Imago Editora, Rio de Janeiro, 1977, Vol. I.
14. \_\_\_\_\_ "NOVOS COMENTÁRIOS SOBRE AS NEUROPSICOSES DE DEFESA" (1896) - em Edição Standard Brasileira, Imago Editora, Rio de Janeiro, 1976, Vol. III
15. \_\_\_\_\_ "A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS" (1900) - em Edição Standard Brasileira, Imago Editora, Rio de Janeiro, 1972, Vols. IV e V.
16. \_\_\_\_\_ "SOBRE OS SONHOS" (1901) - em Edição Standard Brasileira, Imago Editora, Rio de Janeiro, 1972, Vol. V.
17. \_\_\_\_\_ "TRES ENSAIOS SOBRE A TEORIA DA SEXUALIDADE" (1905) - em Edição Standard Brasileira, Imago Editora, Rio de Janeiro, 1972 - Vol. VII.
18. \_\_\_\_\_ "ATOS OBSESSIVOS E PRÁTICAS RELIGIOSAS" (1907) - em Edição Standard Brasileira, Imago Editora, Rio de Janeiro, 1976, Vol. IX.
19. \_\_\_\_\_ "SOBRE AS TEORIAS SEXUAIS DAS CRIANÇAS" (1908) - em Edição Standard Brasileira, Imago Editora, Rio de Janeiro, 1976, Vol. IX.

20. \_\_\_\_\_ "ANÁLISE DE UMA FOBIA EM UM MENINO DE CINCO ANOS" (1909) - em Edição Standard Brasileira, Imago Editora, Rio de Janeiro, Vol. X.
21. \_\_\_\_\_ "NOTAS SOBRE UM CASO DE NEUROSE OBSESSIVA" (1909) - em Edição Standard Brasileira, Imago Editora, Rio de Janeiro, Vol. X.
22. \_\_\_\_\_ "CINCO LIÇÕES DE PSICANÁLISE" (1910) - em Edição Standard Brasileira, Imago Editora, Rio de Janeiro, Vol. XI.
23. \_\_\_\_\_ "FORMULAÇÕES SOBRE OS DOIS PRINCÍPIOS DO FUNCIONAMENTO PSÍQUICO" (1911) - em Edição Standard Brasileira, Imago Editora, Rio de Janeiro, Vol. XII.
24. \_\_\_\_\_ "A HISTÓRIA DO MOVIMENTO PSICANALÍTICO" (1914) - em Edição Standard Brasileira, Imago Editora, Rio de Janeiro, 1974, Vol. XIV.
25. \_\_\_\_\_ "SOBRE O NARCISISMO: UMA INTRODUÇÃO" (1914) - em Edição Standard Brasileira, Imago Editora, Rio de Janeiro, 1974, Vol. XIV.
26. \_\_\_\_\_ "HISTÓRIA DE UMA NEUROSE INFANTIL" (1914) - em Edição Standard Brasileira, Imago Editora, Rio de Janeiro, 1976, Vol. XVII.
27. \_\_\_\_\_ "OS INSTINTOS E SUAS VICISSITUDES" (1915) - em Edição Standard Brasileira, Imago Editora, Rio de Janeiro, 1974, Vol. XIV.
28. \_\_\_\_\_ "A REPRESSÃO" (1915) - em Edição Standard Brasileira, Imago Editora, Rio de Janeiro, 1974, Vol. XIV.

29. \_\_\_\_\_ "O INCONSCIENTE" (1915) - em Edição Standard Brasileira, Imago Editora, Rio de Janeiro, 1974, Vol. XIV.
30. \_\_\_\_\_ "LUTO E MELANCOLIA" (1915) - em Edição Standard Brasileira, Imago Editora, Rio de Janeiro, 1974, Vol. XIV.
31. \_\_\_\_\_ "SUPLEMENTO METAPSICOLÓGICO À TEORIA DOS SONHOS (1915) - em Edição Standard Brasileira, Imago Editora, Rio de Janeiro, 1974, Vol. XIV.
32. \_\_\_\_\_ "CONFERENCIAS INTRODUTÓRIAS SOBRE PSICANÁLISE (1916-1917) - Conf. XIX - em Edição Standard Brasileira, Imago Editora, Rio de Janeiro, 1976, Vol. XVI.
33. \_\_\_\_\_ "Idem, Conf. XXII
34. \_\_\_\_\_ "Idem, Conf. XXIII
35. \_\_\_\_\_ "AS TRANSFORMAÇÕES DO INSTINTO EXEMPLIFICADAS NO EROTISMO ANAL" (1917) - em Edição Standard Brasileira, Imago Editora, Rio de Janeiro, 1976, Vol. .. XVII.
36. \_\_\_\_\_ "ALÉM DO PRINCÍPIO DO PRAZER" (1920) - em Edição Standard Brasileira, Imago Editora, Rio de Janeiro, 1976, Vol. XVIII.
37. \_\_\_\_\_ "Psicologia de Grupo e a Análise do Ego" ... (1921) - em Edição Standard Brasileira, Imago Editora, Rio de Janeiro, 1976, Vol. XVIII.
38. \_\_\_\_\_ "O EGO E O ID" (1923) - em Edição Standard Brasileira, Imago Editora, Rio de Janeiro, 1976, Vol. XIX.

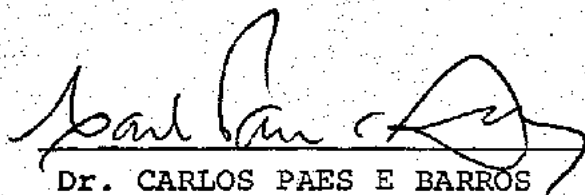
39. \_\_\_\_\_ "A ORGANIZAÇÃO GENITAL INFANTIL: UMA INTERPOLAÇÃO NA TEORIA DA SEXUALIDADE" (1923) - em Edição Standard Brasileira, Imago Editora, Rio de Janeiro, 1976, Vol. XIX.
40. \_\_\_\_\_ "NEUROSE E PSICOSE" (1924) - em Edição Standard Brasileira, Imago Editora, Rio de Janeiro, 1976, Vol. XIX.
41. \_\_\_\_\_ "A DISSOLUÇÃO DO COMPLEXO DE ÉDIPO" (1924) - em Edição Standard Brasileira, Imago Editora, Rio de Janeiro, 1976, Vol. XIX.
42. \_\_\_\_\_ "A PERDA DA REALIDADE NA NEUROSE E NA PSICOSE" (1924) - em Edição Standard Brasileira, Imago Editora, Rio de Janeiro, 1976, Vol. XIX.
43. \_\_\_\_\_ "A NEGATIVA" (1925) - em Edição Standard Brasileira, Imago Editora, Rio de Janeiro, 1976, Vol. XIX.
44. \_\_\_\_\_ "INIBIÇÕES, SINTOMAS E ANSIEDADE" (1926) - em Edição Standard Brasileira, Imago Editora, Rio de Janeiro, 1976, Vol. XX
45. \_\_\_\_\_ "O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO " (1930) - em Edição Standard Brasileira, Imago Editora, Rio de Janeiro, 1974, Vol. XXI.
46. \_\_\_\_\_ "NOVAS CONFERENCIAS INTRODUTÓRIAS SOBRE PSICANÁLISE" (1932) - Conf. XXXI - em Edição Standard Brasileira, Imago Editora, Rio de Janeiro, 1976, Vol. XXII.
47. Idem, Conf. XXXII.

48. \_\_\_\_\_ "ANÁLISE TERMINÁVEL E INTERNINÁVEL" (1937) - em Edição Standard Brasileira, Imago Editora, Rio de Janeiro, 1975, Vol. XXIII.
49. \_\_\_\_\_ "ESBOÇO DE PSICANÁLISE" (1938) - em Edição Standard Brasileira, Imago Editora, Rio de Janeiro, 1975, Vol. XXIII
50. \_\_\_\_\_ "MOISÉS E O MONOTEÍSMO" (1938) - em Edição Standard Brasileira, Imago Editora, Rio de Janeiro, 1975, Vol. XXIII.
51. GRIMBERG, L. - TEORIA DE LA IDENTIFICACIÓN - Ed. Paidós, Buenos Aires, 1976.
52. GUATTARI, F. - REVOLUÇÃO MOLECULAR: PULSAÇÕES POLÍTICAS DO DESEJO - Editora Brasiliense, São Paulo, 1981.
53. ITAGIBA, C. U. - NOTAS DE AULA - Rio de Janeiro, 1982.
54. KLOSSOWSKI, P. - NIETZSCHE ET LE CERCLE VICIEUX - Mercure de France, 1969.
55. KOFMAN, S. - NIETZSCHE ET LA SCÈNE PHILOSOPHIQUE - Union Générale d'Éditions, Paris, 1979.
56. KOSSOVITCH, L. - SIGNOS E PODERES EM NIETZSCHE - Editora Atica, São Paulo, 1979.
57. LAPLANCHE, J., PONTALIS, J. B. - VOCABULÁRIO DE PSICANÁLISE - Moraes Editores, Lisboa, 1970.
58. NIETZSCHE, F. - "LA NAISSANCE DE LA TRAGÉDIE" (1872) - em ŒUVRES PHILOSOPHIQUES COMPLÈTES, Editions Gallimard, Paris, 1980, Vol. II.
59. \_\_\_\_\_ HUMAIN, TROP HUMAIN - Editions Gallimard, Pa

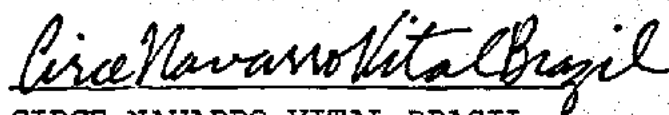
ris, 1968.

60. \_\_\_\_\_ "AUBRE" , (1881) - Em OEUVRES PHILOSOPHIQUES COMPLETES, Editions Gallimard, Paris, 1980, Vol. IV.
61. \_\_\_\_\_ ASSIM FALAVA ZARATUSTRA, Hemus Livraria Editora Limitada, São Paulo, 1979.
62. \_\_\_\_\_ LA VOLONTÉ DE PUISSANCE - Editions Gallimard, Paris, 1947.
63. \_\_\_\_\_ "PAR-DELA BIEN ET MAL" (1886) - em OEUVRES PHILOSOPHIQUES COMPLETES, Editions Gallimard, Paris, 1971, Vol. VII.
64. \_\_\_\_\_ "LA GÉNÉALOGIE DE LA MORALE" (1887) - em OEUVRES PHILOSOPHIQUES COMPLETES, Editions Gallimard, Paris, 1971, Vol. VII.
65. \_\_\_\_\_ CREPÚSCULO DOS IDOLOS, Hemus Livraria Editora Limitada, São Paulo, 1976.
66. \_\_\_\_\_ ECCE HOMO, Editions Gallimard, Paris, 1974.
67. \_\_\_\_\_ "FRAGMENTS POSTHUMES" - (1887, 1988) - em OEUVRES PHILOSOPHIQUES COMPLETES - Editions Gallimard , 1976.

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/RJ,  
fazendo parte da Banca Examinadora os seguintes professores:



Dr. CARLOS PAES E BARROS  
PUC/RJ - Deptº Psicologia

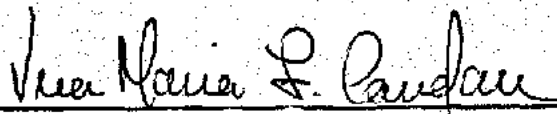


CIRCE NAVARRO VITAL BRASIL  
PUC/RJ - Deptº Psicologia



LUIZ ALFREDO GARCIA ROZA  
UFRJ - INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Visto e permitido a impressão  
Rio de Janeiro, 31 de maio de 1983.



VERA MARIA F. CANDAU  
Coordenadora dos Programas de  
Pós-Graduação do Centro de  
Teologia e Ciências Humanas.